

UM PRESENTE DE
NATAL

– antologia literária –

Érica de Oliveira

(organizadora)

**UM PRESENTE DE
NATAL**

– antologia literária –

1.^a edição



Editora Jogo de Palavras

• Alumínio, SP •

2018

Copyright © Editora Jogo de Palavras, 2018

Revisão:

Érica de Oliveira

Editoração:

João Paulo Hergesel

Ilustração de capa:

CC0 License

P933

Um presente de Natal. / Vários autores ;
organizado por Érica de Oliveira. – Alumínio, SP :
Jogo de Palavras: 2018.

ISBN: 978-85-66626-98-8

CDD 869.8992
CDU 821.134.3(81)

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP • 2018
www.jogodepalavras.com

Sumário

A Estrela de Beiru <i>Marcelo de Oliveira Souza</i>	7
Feliz Natal <i>Ronaldo Dória</i>	10
Dádiva no Natal <i>Gertrudes Fernandes</i>	13
Natal <i>Driely Meira</i>	16
O estranho visitante <i>Regina Ruth Rincon Caires</i>	24
O Saxofone Azul <i>Paulo Luís Ferreira</i>	36
Pé de meia na janela <i>Geraldo Trombin</i>	44
Retalhos <i>Evandro Valentim de Melo</i>	45
Um conto de natal <i>Silvia Ferrante</i>	53
Sapatos vermelhos <i>Aparecida Gianello dos Santos</i>	58

Um conto sobre encanto enquanto tivermos lembranças <i>Edib Longo</i>	63
Noite da véspera <i>Alberto Arecchi</i>	73
Ato de amor <i>Wilson Duarte</i>	77
breve poema de natal <i>Sara Timóteo</i>	79
Árvore de Natal <i>Jullie Veiga</i>	80
Natal de Jesus <i>Antônio de Pádua</i>	82
Natal Espirituoso <i>Roque Aloisio Weschenfelder</i>	84
O Natal que não previ <i>Gabriela Rodrigues Ferreira da Silva</i>	87
Pisca-Pisca <i>Carlos Siqueira</i>	90
Presente de Natal <i>Aldirene Máximo</i>	92
Sobre os autores	93

A Estrela de Beiru

Marcelo de Oliveira Souza

De repente brilha no céu uma grande estrela, um grande fenômeno para os astrônomos, para outros é o chamado de Deus para o nascimento do novo Messias, ainda há alguns que tentam profetizar o final de mundo.

Nesse mesmo momento lá nos confins de Jerusalém, num monastério, um frade de nome Aahoron, passou mal sentindo uma forte dor no peito, chegando a ficar sete dias em coma, depois disso acordou com o temperamento totalmente modificado, dizendo chamar-se Thiago, que tinha a missão de receber o novo Messias, num país distante chamado Brasil, em uma comunidade desfavorecida, cujo nome da cidade leva o nome do nosso Salvador.

Essa missão ainda contava com mais duas pessoas que iam encontrá-lo no caminho de sua peregrinação, que seria justamente seguir aquela grande estrela que ameaça a vida de todos na Terra, como falam os jornalistas.

Logo depois de uma comemoração especial o nosso Frei saiu com um guarda-chuva bem grande na mão, seguindo o seu destino, que tinha ainda como tarefa revelar os outros companheiros de jornada.

Numa caminhada longa o nosso personagem conseguiu identificar uma mulher de nome Ming, estava sendo perseguida por transeuntes, ela é uma moradora de rua que, de repente, mudou de personalidade, sendo

chamada por uns de Madalena, por outros de profetisa, ela dizia que estava procurando o Frei Thiago, saia pelas ruas de Pequim desesperada, com um lençol de lã anunciando que a salvação estava próxima, mas como na China salvação tem que passar pela autorização de Hu Jintao, juntaram tudo que ela possuía no seu carrinho de roupas e expulsaram-na das ruas que cercavam o palácio do governo.

Nessa hora, o nosso frei conseguiu segurá-la e acalmá-la, dizendo que o seu destino estava ali, sendo escrito pelo nosso criador, que mais um peregrino tinha que ser encontrado para a profecia se realizar, era logo ali depois na América do Norte, no México. A dificuldade era tamanha para os nossos amigos iluminados, mas cada caminho tinha a sua etapa a ser cumprida, inclusive aquela de entrar nesse país que é tradicionalmente católico, mas tinha pessoas que acreditavam em uma entidade chamada Santa Boa Morte, foi justamente no dia em que comemoravam o dia desta “santa” que o nosso terceiro personagem de nome Juan tinha incorporado o espírito de um rapaz chamado Emerson, dizendo as mesmas coisas dos nossos dois amigos, que o reconheceram de pronto. Juan estava com uma cadeira de praia, dizendo que aquele objeto era o leito do novo Messias...

Essa longa jornada a caminho da estrela sagrada demorou alguns anos, mas quando eles chegaram na cidade de Salvador, ainda tiveram problemas com a imigração, que estranhava toda aquela situação, ainda mais durante toda aquela confusão causada por uma estrela que se mexia e crescia cada vez mais ao passo que

os nossos peregrinos se aproximavam; eles ficaram um tempão presos no aeroporto, desde de Julho, quando conseguiram sair já era a noite do dia 25 de dezembro.

Todos concentrados em suas gordas ceias de Natal, outros preocupados com os presentes, não estavam ligando para outra coisa. Nossos abençoados peregrinos seguiram para as cercanias de uma maternidade, numa pracinha frequentada por drogados e prostitutas, chamada de Arvoredo, foi justamente onde um casal desesperado gritava por socorro, era um homem chamado Joaquim com a sua esposa Mariana, ela já estava em trabalho de parto, quando os nossos valorosos personagens chegaram.

Emerson abriu a cadeira de praia, a profetisa a cobriu com o lençol e Thiago ajudou a fazer o parto de Jesus Cristo iluminado. Nesse momento a grande estrela se afastou, provocando uma confusão no tempo, fazendo nevar no verão de Salvador, nessa hora o nosso primeiro peregrino abriu o seu enorme guarda-chuva, protegendo a criança santificada que veio nascer justamente no Beiru, um lugar tão esquecido pelos homens poderosos, mas sempre lembrado por Deus.

Feliz Natal

Ronaldo Dória

Eu me chamo Clara, tenho 40 anos e trabalho em uma loja de artesanato na cidade de Itaguaí. Confecciono trabalhos de diversos tipos, desde bijuterias e pequenas obras com materiais recicláveis a pinturas, desenhos e esculturas. Sou uma musicista frustrada, confesso. Só não me tornei pianista, porquanto meu talento não permitiu. Por isso, grande parte das peças que produzo é de temática musical: flautistas de Hamelin de biscuit – ora acompanhados de ratos, ora de crianças -, pianos e outros instrumentos esculpidos em madeira, busto de compositores em argila etc. Um trabalho em particular de que muito gosto é uma representação dos compositores Liszt e Wagner. O primeiro, magro, absorto ao piano, o segundo logo atrás, em pé, os braços cruzados, apreciando o virtuosismo do sogro.

Os parcos rendimentos garantem apenas o suficiente para uma existência medíocre, mas sigo em frente. Em parte porque gosto do que faço, em parte porque, aos 40 anos, já não tenho tantas perspectivas de mudança. Escreveria, se possuísse veleidades literárias, um ‘A mulher de 40 anos’, em cujas páginas derramaria todas as minhas angústias, frustrações e arrependimentos. Em que parte de minha trajetória tornei-me o que sou hoje? O que a menina de 20 anos atrás pensaria da mulher acabada e triste que vejo todos os dias diante do espelho?

É fim de ano. As luzes coloridas do Natal ainda estão em toda parte. Detesto esse clima festivo e todos os cumprimentos vazios, dados e recebidos. Esquivo-me o quanto posso de toda essa hipocrisia. Fujo. Não atendo os telefonemas, não leio e-mails, não assisto à tevê. O que significa, afinal, desejar ‘Feliz Natal’ a alguém? Significa desejar que esse alguém se empanturre de comidas típicas natalinas, gaste fortunas em presentes e que esteja junto de pessoas de quem, muitas vezes, nem mesmo gosta e de quem falou mal durante todo o ano? Só me vêm à mente os versos do poeta Gabriel, o Pensador: “Hoje é dia de festa e alegria / Só hoje, amanhã é uma bosta / E todos os dias são monotonia / São dias que a gente só gasta, não gosta”.

Vejo uma mãe cercado de cuidados uma bela menininha que acabara de ganhar sua bicicleta nova. A mãe insiste para que a filha tire as rodinhas e aprenda a pedalar feito gente grande, mas a menina, insegura, resiste. “A pista está livre – dizia a mãe”. Não há carros, não há quase ninguém vendo. Observo a cena com especial interesse, esperando o desfecho da situação. A pequena, por fim, cede. Dá as primeiras pedaladas incertas e, a cada bamboleio, sempre que está prestes a cair, a mãe segura por debaixo do banco e põe a filha nos eixos.

A visão da mãe e da filha me traz memórias tão antigas quanto indesejáveis. Eu tinha exatos oito anos quando ganhei a primeira bicicleta. Presente de natal. Recordo, com nitidez implacável, do tombo, do braço quebrado, do olhar de desprezo da irmã mais velha,

sempre tão inteligente, talentosa, bonita. Meus pais se separaram meses depois, e eu pouco vi minha mãe desde então. Ironicamente, me vêm à mente os versos de outro poeta: “Oh! dias de minha infância!/ Oh! meu céu de primavera! Que doce a vida não era/ Nessa risonha manhã! Em vez de mágoas de agora,/ Eu tinha nessas delícias/ De minha mãe as carícias/ E beijos de minha irmã!”.

Caminho de volta para casa. Do outro lado da rua, um conhecido. Fujo do contato visual, pego o celular no bolso e finjo estar fazendo qualquer coisa. Não obstante, o sujeito vem até mim, pergunta trivialidades, deseja saber como foi a festa de Natal, onde passarei o réveillon. A vontade que tenho é de lançar-lhe ao rosto improperios indizíveis, arranhar-lhe as feições tortas com minhas unhas compridas e mal pintadas, mas engulo em seco. Solto palavras curtas, solto um sorriso amarelo e finalizo a contragosto: “Feliz Ano-Novo para o senhor também”.

Dádiva no Natal

Gertrudes Fernandes

Durante o dia, a neve não deu tréguas. Como em todos os dias de Inverno, em uma pequena aldeia na serra. Os preparativos da consoada já estavam concluídos. A pequena aldeia era repleta de casas humildes, mas nessa noite, em todas havia fartura, com a ceia, doces e tudo como era tradicional.

Aproximei-me de uma das casas, olhei pela janela que estava entreaberta, pareceu-me familiar todos aqueles recantos. Na sala da pequena casa, vi sentados à mesa um casal de idosos e uma criança, uma menina, apresentava ter cerca de cinco anos, não mais do que isso. Preparavam-se para a ceia de Natal, porém antes de começar a refeição, dão as mãos e juntos rezam uma oração. Na oração ouço pedirem para que (ela) fique logo bem e possa voltar para casa. A voz da menina chegou aos meus ouvidos com um eco estranho:

– Deus, faça um milagre, faça com que a minha mãe acorde, tenho tantas saudades dela!

Sem que a criança se aperceba, a idosa limpou as lágrimas que teimavam em cair dos seus olhos, enquanto abraçava a menina dizendo:

– Se Deus quiser, a tua mãezinha vai acordar do sono dos anjos, amanhã é dia de Natal, nós vamos ao hospital fazer-lhe uma visita, vais ver que vamos ter uma surpresa!

Senti uma forte dor no peito, voltei a olhar pela janela, vi uma cadeira vazia junto da mesa e em frente no lugar do prato estava uma moldura com uma fotografia. Com mais atenção, percebi que o rosto naquela moldura, era o meu. Era eu!... era por mim que eles choravam!

Olhei para os meus pés descalços sobre a neve, meu corpo apenas vestia uma bata azul, minhas mãos brilhavam naquela escuridão da noite. Fiquei perplexa, com um misto de pensamentos na minha cabeça. Algum tempo depois, ouvi tocar as doze badaladas no relógio da torre da Igreja.

Vi a menina abrir o presente de Natal, enquanto murmurava:

– Boa avó, era mesmo esta boneca que eu queria, quando a minha mãe voltar, vamos brincar as duas!

Senti o meu corpo afastar-se da janela, ficar cada vez mais longe daquela casa. Enquanto eu gritava:

– Quero voltar, quero voltar!

Aproximou-se uma luz muito forte sobre mim, tentei abrir os olhos e vislumbrei a minha frente algumas batas brancas que se moviam. Alguém com voz sonante dizia:

– Depressa doutor, ela acordou do coma, eu a ouvi murmurar! “Quero voltar, quero voltar!”, milagre doutor, ela tem uma filhinha tão pequena...

A enfermeira não parava de falar, estava numa euforia:

– Eu estive ao seu lado todo este ano, desde que sofreu o acidente de viação, ninguém acreditava que ela iria sobreviver!

Tinha passado um ano, um terrível acidente de carro, na noite de Natal, quando voltava do emprego para casa, deixara-me em coma.

Eu venci, hoje é dia de Natal.

Natal

Driely Meira

Não havia neve lá fora, mas era véspera de Natal. Não havia luzes de pisca-pisca na fachada da casa, guirlanda na porta ou meias vermelhas penduradas na sala de estar. Não parecia Natal, mas era.

Sofia estava deitada no sofá, enrolada no cobertor como se estivesse num casulo, assistindo TV, mesmo que não houvesse nada de bom ou interessante nos canais. Havia vários filmes natalinos passando, mas ela os pulava. Não queria saber do Natal. Não queria assar biscoitos ou preparar uma deliciosa ceia, não queria decorar a casa e colocar uma estrela no topo da árvore de natal, cuja caixa, enfiada em algum lugar, já acumulava pó. Ela havia desistido do Natal, que sempre fora seu dia favorito do ano. Sempre gostou do clima natalino que começava já em meados de novembro, aquela expectativa pela chegada do feriado mais brilhante e colorido do mundo. Ela adorava presentear seus entes queridos, adorava como as pessoas pareciam mais alegres, esperançosas, bondosas e amigáveis com a chegada de dezembro, e mais do que tudo, adorava celebrar a data junto às pessoas que amava. Mas naquele ano, não havia ninguém com quem celebrar. Bem, talvez alguém.

– Venha cá, Cookie – murmurou carinhosamente para seu gato preto, que se espreguiçou e subiu no sofá, surpreendentemente, acatando uma sugestão de sua dona.
– Venha ver TV com a mamãe. – Deitou-se de barriga

para cima e aconchegou o gato no peito, cobrindo seu corpinho com o cobertor já quente. – Hoje seremos só eu e você. – Sorriu para o animal, que miou em resposta.

Sofia desligou o som da TV algum tempo depois, e fechou os olhos, cogitando dormir; não conseguiu. O barulho da TV a estava incomodando, então decidiu por desligá-la completamente.

– Carambola – resmungou, irritada. Não conseguia desligar seus pensamentos; continuava pensando em coisas que não deveria pensar, se lembrando de pessoas que não deveria lembrar. As lágrimas já ameaçavam cair, e ela nem mesmo havia dito o nome dele. Enxugou o rosto com a ponta do cobertor, enfurecida. Já deveria ter parado de chorar por ele, já tinha passado da hora de seguir em frente, ou de ao menos parar de sofrer.

– Já chega, Cookie. – disse alto, assustando o gato. – Desculpe-me. – acariciou-o, sentindo-se culpada. Levantou com cuidado, colocando o animal no chão para não o machucar. – Gatos caem em pé, mas nem por isso vou fazê-lo voar, não é mesmo?

Calçou os chinelos, arrumou a alça da regata que usava, apesar do frio, e foi para a cozinha, determinada a pegar algo para comer. Já passava das dez da noite, e ela ainda não havia jantado. Um ano antes, nesse mesmo horário, Sofia estava rindo e conversando à mesa com seus amigos, sua família, e Allan. Bufou de frustração. A simples menção do nome, mesmo que em pensamento, era o suficiente para fazê-la suspirar e querer chorar. As

coisas acabaram muito mal entre eles; a traição, seguida pela indiferença daquele que ela acreditava ser o amor de sua vida fizeram com que se enclausurasse em casa. E pensar no Natal era como chamar de volta as lembranças que queria esquecer; por isso havia dito aos pais que passaria a noite com os amigos, e dito aos amigos que passaria com os pais. Não queria que ninguém perguntasse o que havia acontecido, ou os motivos de ainda não ter seguido em frente; queria fazer tudo sozinha, e se isso significava se trancar em casa e chorar até desidratar, que fosse!

Balançou a cabeça ao perceber que seus pensamentos continuavam levando-a para longe.

– Não dá para ficar a vida toda nisso, não é, Cookie? Vamos lá garoto, tá na hora do jantar. – Colocou comida para o gato e abriu os armários procurando algo para comer. Bufou ao perceber que não havia nada ali que quisesse comer. O que faria? Será que algum lugar estava aberto àquela hora da noite, na véspera de Natal? – Não me olhe assim, eu não vou sair agora – resmungou quando o gato sentou e a encarou fixamente. – É assim que muitos filmes de terror começam, sabia? A pessoa boba e inocente sai por aí sozinha, à noite, achando que tá tudo normal, e aí acaba morta pelo assassino. Eu não vou sair sozinha essa hora – repetiu, olhando cabisbaixa para a geladeira vazia.

Voltou para a sala arrastando os pés, desanimada. Tudo bem se prender em casa num amontoado de tristeza e autopiedade, mas por que castigar o estômago

também? Agora já era tarde para avisar os pais ou os amigos que passaria a noite com eles; ela nem queria, na verdade. Só queria algo bom para comer.

– Que tal uma pizza? – perguntou em voz alta, balançando a cabeça com satisfação. – Espero que alguém esteja trabalhando hoje à noite, Cookie, ou você vai ter uma humana faminta em casa. – O gato a ignorou e subiu no sofá, aconchegando-se no cobertor. Sofia pegou o celular na mesinha de centro e entrou no aplicativo para pedir a pizza. Foi ficando cada vez mais desanimada ao ver que poucos restaurantes estavam abertos, e eram menos ainda aqueles cujos cardápios a interessava. Finalmente encontrou algo que chamou sua atenção, discou seus dados e autorizou o pagamento com seu cartão de crédito. Começou a contar os minutos naquele mesmo instante, ansiosa e muito, mas muito faminta.

– O que faremos enquanto esperamos, Cookie? – tirou os chinelos e sentou-se ao lado do gato, que nem mesmo se mexeu. – Ok, vamos ficar quietinhos então. – Deixou a cabeça cair no encosto do sofá. A pizza ia demorar a chegar, então poderia tirar um cochilo enquanto esperava. Fechou os olhos e estava quase dormindo, quando uma música natalina repetitiva, provavelmente vinda da casa dos vizinhos, a despertou.

– Mais essa agora – resmungou. Se não conseguiria dormir, e se não havia nada de bom na TV, o que faria para esperar? – Faxina! – exclamou, num

rompante de energia. O que poderia dizer? Ela era louca por faxina!

Foi para a lavanderia e pegou a vassoura, além do esfregão e uma pá. Rumou para seu quarto e começou a varrer. Separou as roupas sujas no corredor, os sapatos que precisavam ser lavados (que estavam imundos!) e organizou os livros, papéis, canetas e cadernos que estavam jogados de qualquer jeito em sua escrivaninha. Arrumou a cama, tirou alguns objetos que estavam no chão e começou a passar o esfregão, tomando o cuidado para não respirar a poeira que flutuava toda vez que o passava por baixo de algum móvel. Terminou e foi para a cozinha.

– Hoje não quero lavar o banheiro. – disse para Cookie que, curioso, a observava da porta. – Já fiz isso no início da semana. – Deu de ombros, jogando o produto de limpeza no chão da cozinha e começando a esfregar. Não havia muito que organizar nos armários; Sofia tinha pouquíssimos utensílios, até porque vivia sozinha (sem contar Cookie) e costumava comer coisas prontas, mas decidiu por ver se alguma coisa estava vencida ou precisava ser jogada fora. Ou as duas coisas. Foi nessa hora que encontrou a foto.

– Nem me lembrava disso – suspirou, deixando as portas do armário abertas e sentando-se numa cadeira, surpresa. – Olhe Cookie, somos nós. – Mostrou a foto para o gato, que nem mesmo olhou o pedaço de papel. – Somos nós no Natal. – Sentiu as lágrimas chegando. Era uma foto antiga, de uns três ou quatro anos atrás; nela

estavam ela, que piscara bem na hora do clique e estava de olhos fechados, Cookie em seu colo, ainda filhote, seus pais ao lado da árvore de Natal, seus irmãos sentados no chão, rindo de alguma coisa, e Allan... Allan estava no canto da foto, segurando uma lata de cerveja e sorrindo para a câmera, parecendo feliz. Aquele havia sido o relacionamento mais longo em que Sofia já estivera, e talvez esse fosse um dos motivos pelos quais não conseguia superá-lo; estiveram juntos por anos, se amavam muito e costumavam passar os feriados em família, com a dela ou com a dele. E de repente, Allan não a amava mais. E pior: não se importara nem um pouco com seus sentimentos, simplesmente arrumara suas coisas e fora embora após a briga. Ser traída havia doído, é claro, mas o que mais a magoava, de longe, era ele ter ido embora sem lutar. Sofia queria que Allan pedisse perdão, que se arrependesse, que chorasse, mas ele não fez nada disso. Só partiu.

– O que acha de arrumarmos isso aqui também, Cookie? – não esperou uma resposta, aliás, nem teria uma: Cookie estava ocupado se aconchegando no sofá mais uma vez. – Bom, eu digo que seria bom. – respondeu sua própria pergunta, procurando uma tesoura nas gavetas do armário. Quando a encontrou, encaixou-a no papel, olhando para ver se estava torta, e cortou. A parte descartada da foto caiu no chão com um leve barulho, enquanto Sofia segurava a outra entre os dedos.

– Talvez demore, mas eu vou chegar lá – murmurou para sua imagem na foto; a imagem mais jovem, sorridente e feliz dela mesma. Observou as demais

figuras naquele pedaço de papel, sentindo uma comichão de saudade apertar-lhe o peito. Seus pais, seus irmãos e Cookie. As pessoas que amava. Enxugava as lágrimas, quando a buzina de uma moto soou. Sua pizza havia chegado. Sofia correu para a porta e, após fechá-la, com a caixa de pizza em mãos, tomou uma decisão.

– Cookie, vamos para a casa da vovó e do vovô! – exclamou, deixando a caixa na mesinha de centro e correndo para o quarto, trocando de roupa logo em seguida. Chamou um motorista particular por meio de um aplicativo em seu celular, colocou um Cookie muito irritado na caixa de transporte, calçou tênis e trancou a casa, esperando na calçada pela chegada do carro indicado na tela de seu aparelho telefônico. Quinze minutos depois, apertava a campainha de uma casa do outro lado da cidade, sentindo-se ansiosa.

– Sofia! Achamos que estaria com seus amigos! – sua mãe exclamou, surpresa. – Onde está Allan? – perguntou, curiosa.

– Oi, mamãe. – Sofia sorriu, as lágrimas embaçando sua visão. Fechou a porta após entrar, soltou Cookie, apoiou a caixa de pizza numa mesinha ali próxima e abraçou a mãe, feliz. Contaria o que aconteceu depois; naquele momento, só queria ser abraçada por alguém que realmente a amava.

– Queridos, adivinhem quem chegou? – sua mãe a guiou para sala, onde estavam seu pai, seus irmãos e algumas outras pessoas que ela ainda não conhecia.

Sentindo-se acolhida, Sofia sorriu. O Natal podia ter morrido em sua casa, mas ele estava bem vivo ali.

Olhou pensativa para a estrela no topo da árvore de Natal montada no canto da sala e, pegando a fotografia que havia enfiado no bolso, colocou-a próxima do topo da árvore.

– Agora sim, é Natal. – Na foto, estava ela, com os olhos fechados, pois piscara no clique, um Cookie filhote em seus braços, seus pais próximos à árvore de Natal e seus irmãos sentados no chão, rindo de alguma coisa. No canto da foto não havia nada.

O estranho visitante

Regina Ruth Rincon Cairns

A cada enxadada, fincando o chão seco, duro e praguejado, o suor escorrendo pelas costas abaixo, sob um sol impiedoso, Gregório, involuntariamente, matuta. Se ao menos essas lembranças o abandonassem um pouco, a força dos braços seria mais viva. Qual o quê? Ferem seu corpo como espinhos, ficam como acordes de tristeza a lhe tocarem a alma. Pensamentos teimosos! Por que não se vão, feito a chuva?!

Gregório para um pouco... Tira o chapéu. Os cabelos grudados à testa, o suor caindo-lhe sobre as pálpebras enrugadas. Sente-se um cacó! Olha a sua volta, demoradamente, depois ergue seus olhos para o céu. Nada de nuvens! O céu infinitamente azul, e o sol, majestoso, reinando tirano. Tem sede... Olha para a moita de arbustos lá adiante, e sente-se desanimado calculando a distância que o separa da sua moringa. O jeito é arranjar forças pra chegar até lá. Sem água nem é possível pensar, quanto mais continuar! Descansa a enxada sobre o torrão de terra que acabou de revirar e segue em direção dos arbustos.

Farto, saciado com a água fresca da moringa de barro, pensa num cigarrinho... Afinal, pressa num dia como hoje é bobagem! O corpo não suporta aquele calor infernal! Tem consciência de que hoje o trabalho rende pela metade.

Passa a botina pelo capim seco como se limpasse o chão, e solta o corpo num sentar extenuado. Passa a mão no embornal e dele retira um pedaço de fumo, o canivete, a palha de milho. A mão esquerda em forma de concha protege os fiapos de fumo que ele vai picando. Cheiro forte e bom! Não resiste... Coloca um naco na boca.

Cinco anos já se passaram desde que sua mulher se foi... Cinco anos doídos, arrastados, vazios. Doença maldita! Tudo tão rápido que não teve nem tempo pra se acostumar com a ideia. Teve de se acostumar, precisou se arranjar mergulhado na dor. Ficou muito difícil, tanto que até hoje não se resignou.

Nessa época do ano ainda é pior! Dezembro lhe dá um desconsolo, um desamparo... A solidão é tamanha que parece transpirar pelos poros. Bom seria se não existisse este pedaço do ano!

Amanhã é Natal. Diacho de dia mais bobo! Ainda bem que já se preveniu... A garrafa de pinga o aguarda! É sempre assim... Começa a beber à noitinha e vara as outras vinte e quatro horas numa carraspana sem fim! Duro mesmo é o outro dia! Um vazio no estômago, enjoo, tremura no corpo, suadeira fria e um desânimo de dar pena! Pelo menos durante algumas horas não pensa. Apenas dorme. Se nos intervalos, entre um gole e outro, aquela saraivada de pensamentos teimosamente tenta chegar, Gregório não vacila. Sorve goles rápidos e constantes até que adormece. É assim o seu Natal. Nem abre as portas da casa! Pra quê? Não carece...

Mas agora, ali sentado, dando tragadas longas e repetidas no seu cigarro de palha, sóbrio, não tem como afugentar suas ideias. Se ao menos um filho viesse! Que nada! Isso só aconteceu no primeiro ano. Depois, foi tudo só. Ele e a vida...

Tem dia que fala sozinho, ou mesmo com seu pangaré. Fala pra ouvir o som da própria voz. Naquele fim de mundo não arranja nem companheiro pra dar uma prosa! Às vezes fica pensando se ainda sabe falar. Passa dias e dias, semanas inteiras sem dizer uma palavra. Fica feliz quando vê, pela poeira da estrada, uma boiada a caminho. Sabe que ali vai um peão e que vai lhe sobrar um dedo de prosa. A conversa é sempre a mesma. A saudação, o calor, a falta de chuva ou uma doença que apareceu em alguma rês. Ele se empolga tanto nestas proseadas que, às vezes, chega a acompanhar o peão, beirando a estrada, por um bom trecho do caminho! Só para ter o gostinho da companhia.

Na vila não se anima muito a ir. Só vai mesmo quando a necessidade manda. É muito distante e seu pangaré anda muito judiado pela seca. Se forçar muito pode ser desastroso! Imagina perder seu companheiro! Só lhe restará falar sozinho!

O seu cachorro também se foi. Velho, já com o focinho branco, cego feito tamanduá... Foi definhando, ficou encaramujado e numa manhã Gregório o encontrou estirado. Dia triste!

Agora lhe resta o pangaré. Está um traste velho, mas ainda lhe serve de companhia! É só a chuva chegar e

ele estará mais forte. A idade não tem jeito, mas o capim gordo lhe trará novas carnes. A chuva não tarda. O dia dos Santos Reis está por aí, e na vinda sempre traz chuva!

Gregório ergue o chapéu, reverenciando os Santos. É assim. Mesmo quando pensa, quando invoca os santos de sua devoção, não deixa de reverenciá-los com seu chapéu. Santa veneração!

Joga o cigarro, e com a botina o pisoteia várias vezes até se certificar de que realmente não há risco nenhum da brasa queimar o capim seco. Tem pavor de queimadas! Já viu tantas, mas não consegue se acostumar a elas. Fogo é bicho que teme!

Hora de recomeçar a lida. Se bem que a vontade é nenhuma, mas a praga tem que ser vencida agora, nesse tempo. É na terra seca que a raiz morre. É bem verdade que a sementeira fica na terra, mas até que a chuva não chega, ela não germina. Dá tempo de recuperar o ânimo e preparar a nova roça. Nem sabe quantas vezes já capinou este mesmo trecho! Nem é bom pensar... Desanima!

E lá está Gregório novamente. Só se ouve o resvalo da lâmina na terra seca. Dezenas e dezenas de braçadas para capinar um pequeno trecho. A cada quarto de hora ergue o corpo, espicha a coluna para trás colocando as mãos nas cadeiras. Serviço bruto! Pior ainda com aquele sol a lhe castigar o lombo!

Suspira fundo e volta à capina. O assa-peixe este ano está de matar! Há touceiras tão imensas que chegam a desanimar. Gregório procura nem olhar o que está por fazer. Prende os olhos no trecho em que labuta. Que

adianta olhar? Nem desanimar adianta. De quando em quando lá está ele, parado. As mãos servindo de encosto do queixo no cabo da enxada. Fica tempo olhando, perdido, nem sabe onde! Sente pavor do escurecer! De noite a solidão é mais triste. Muito mais...

Olha para o céu. O sol já está indo, baixo. No horizonte, um vermelhão só. Sinal de que a seca continua. Santo Deus, até quando?!

Gregório acelera o ritmo. Parece não querer parar. Quer prolongar o dia. Ah! Se pudesse... Já está bem escuro. Quase não consegue distinguir o trecho já pronto e bate várias vezes a enxada em torrões já revirados. Não adianta. É noite. Véspera de Natal!

Com a enxada nos ombros, o embornal de lado, a moringa na mão, pega o trilho de casa. Nem assobia. Está com o corpo aniquilado, seus passos são curtos, pausados. Quer demorar ainda mais a chegar...

Apesar do cansaço do corpo, andaria a noite toda se isso lhe tirasse da cabeça todas aquelas lembranças. Daria tudo e faria qualquer coisa para não estar sozinho. Se ao menos tivesse alguém, uma única viva alma pra prostrar!

Bobagem! Ali só está ele. Ele e Deus, como costuma pensar. Pena hoje Deus não se tornar homem e passar o Natal ali, com ele! Poderiam conversar, comemorar, beber juntos. Arre, cada pensamento!

Gregório chega em sua casa. Nem tem vontade de acender a lamparina. Banho então, nem pensar! Pra quê?

Daqui a pouco se encharca de pinga e aí é uma água só! Antes, porém, precisa comer alguma coisa. Ainda bem que deixou uma panela de arroz sobre o fogão de lenha, e tem linguiça dependurada na despensa. É o suficiente.

Enquanto acende a lamparina, faz uma oração para o Menino Jesus. Afinal, é o Seu dia! Tem que rezar agora porque, depois não vai lembrar nem do seu nome, quanto mais de oração!

Junta ao arroz uns pedaços de linguiça, atíça as brasas do fogão, coloca umas palhas de milho para aumentar o fogo e aquece a comida. O cheiro é divino! Chega a lhe dar água na boca!

Arranca as botinas, tira a camisa, passa as mãos pelos cabelos e puxa o banco para perto da mesa. Ia enfiando a primeira colherada de comida boca adentro, quando ouve uma voz:

– Ô de casa!

Gregório estremece de susto. Quem poderia ser a essa hora da noite? Pela voz imagina ser uma pessoa idosa. Voz rouca, trêmula mesmo!

– Ô de fora! Já tô indo!

Ainda sem se refazer do susto, sai rapidamente pela porta da cozinha, levando a lamparina nas mãos. Assusta-se ainda mais diante do que vê. Meu Deus, que trapo humano! Um homem, as roupas em farrapos, pés descalços, cabelos ensebados, barbas enormes, corpo magro, arqueado, rosto bem feito, mas incrivelmente abatido. Olheiras escuras e profundas. A magreza

excessiva deixa-lhe os ossos da face saltados, salientes. À primeira vista, uma visão chocante, aterradora! Aos poucos, vai se aproximando e a chama da lamparina vai delineando mais seus traços. Olhos serenos, incrivelmente serenos!

– Boa noite! O que o traz aqui?

– Boa noite! Estou apenas à procura de um prato de comida. Espero que tenha sobrado alguma coisa por aqui. Estou faminto! Há vários dias que não sei o que é comer de verdade...

Gregório pensa na comida que acabou de esquentar e que estava prestes a devorar. É tudo que tem, mas não tem importância. Afinal, já almoçou hoje e não irá sucumbir se não comer agora. Rapidamente gira o corpo sobre o calcanhar e entra pela cozinha. Passa a mão no prato de comida sobre a mesa, volta e o entrega ao estranho visitante.

O homem ávido por alimento, num instante abraça o prato e com colheradas rápidas e incessantes vai pondo fim a sua fome. Gregório fica espantado com a voracidade, com a rapidez com que o visitante esvazia o prato. Coitado! A que situação chegou!

Gregório está aturdido. Tanto que só agora percebe que não convidou o homem para se sentar! Meu Deus, ele devorou tudo aquilo de pé?! Que distração!

– Desculpe a pergunta, mas qual é sua graça?

– Mariano, meu bom homem. Mariano, seu criado!

– Vamos chegar, Seu Mariano!

Ao ser convidado a entrar, o homem vira-se para o lado, abaixa o corpo e pega um pacote que estava no chão.

Já dentro da cozinha, Gregório diz:

– Puxa a cadeira e senta um pouco...

– Vou aceitar, Seu...

– Gregório, isso... Meu nome é Gregório.

Mariano vai entrando. É realmente alto, tem que se curvar, baixar a cabeça para passar pelo batente da porta. Senta-se na cadeira de palha e encosta um cotovelo sobre a mesa. Gregório senta-se no banco, do outro lado, de frente para ele.

– Então, Seu Mariano, agora que já comeu, amansou o estômago, conta aqui pra esse velho, o que faz por estas bandas?

– Nada, não faço nada, Seu Gregório! Eu sou assim mesmo! Ando sempre, sem parada. Passo as noites ao relento, e vou comendo aqui, acolá, onde me dão um prato de comida... Hoje é diferente! É véspera de Natal! Não queria ficar sozinho pela estrada. É uma noite muito bonita pra guardar só comigo! Lá da estrada vi a luz da lamparina, e pensei que bom seria juntar a minha alegria desta noite com a de mais alguém, ou até mesmo dividi-la. Espero não estar atrapalhando!

– De maneira alguma, Seu Mariano! Eu tava até meio encabulado de ficar aqui sozinho hoje. Já fiz até

minha oração porque... pensava em dormir cedo, não tinha nada que fazer!

Gregório sente vergonha de dizer que havia rezado antes porque planejara tomar um porre e cair pelas tabelas. Fica quieto. Apenas se cala, não vai mudar nada!

– Sabe, Seu Gregório, quando começou a escurecer eu estava passando diante da sua porteira. O senhor estava na lida e parei pra observar. Vi que o senhor estava ansioso, querendo capinar mais e mais... A noite já havia caído e a enxada ainda zunia na escuridão.

Deu-me a impressão de que não queria voltar pra casa. Estou enganado?

Gregório fica meio sem jeito de saber que foi observado, pensa um pouco e resolve falar.

– Não, Seu Mariano. É isso mesmo! Não queria voltar porque a noite é muito triste, principalmente a de hoje. Sem família, sem ninguém pra conversar. Juro mesmo, minha vontade era de...

– Beber até cair, não é Seu Gregório?

– Isso mesmo! Queria beber, beber até perder o tino e descansar esta velha cabeça que não para nunca. O senhor sabe o que é viver neste fim de mundo, sem escutar uma voz, tendo na cabeça as lembranças dos dias passados?! Fechando os olhos e vendo as crianças correrem de um lado pro outro, a patroa indo e vindo, cuidando da lida da casa... Abrindo os olhos e vendo o vazio, o silêncio, só isso, silêncio e solidão. É um fim de

vida muito triste, Seu Mariano! Nunca pensei chegar a isso!

– Não acontece só com o senhor, Seu Gregório! Quantos solitários há por esse mundo de Deus?! Nem por isso a vida acaba! É preciso saber trabalhar essa solidão, esse silêncio! Pensamentos amargos e lembranças que machucam não ajudam em nada! Temos que aprender a enriquecer a nossa fé. É no silêncio que alimentamos nossos mais nobres sentimentos! O silêncio não é inexistência de palavras. Elas soam e falam para a nossa consciência. É a maneira mais pura, mais verdadeira de conversar. Se todos ouvissem essa conversa silenciosa a que me refiro, todos seriam mais felizes, mais completos, mais íntegros! É preciso ouvir, ouvir muito...

Gregório presta muita atenção em tudo que o visitante diz. Se entendeu direito, ele fala que ficar sozinho e em silêncio não é de todo ruim. Passa a mão pela cabeça, como se com isso ajeitasse os pensamentos e guardasse cada palavra dita pelo visitante. Afinal, a fala dele é um presente para os ouvidos! Há quanto tempo não prozia tão demoradamente com um amigo?! Ele, ali, hoje, só pode ser um presente do céu!

Gregório fica como que embevecido com a conversa do visitante. Nem se lembra da pinga, da aflição da tarde, para dizer a verdade, nem fome sente! É como se as palavras do amigo lhe tivessem abastecido o estômago, a alma. Só uma coisa lhe intriga! O pacote que o visitante trouxe à mão e que, cuidadosamente, protege durante todo o tempo. Que será que tem dentro?

Conversam muito, até altas horas da noite. Na verdade nem sabem que horas são, mas o sono vem chegando. O andarilho, cansado da caminhada, e Gregório, extenuado pelo trabalho da capina. Percebendo o sono do amigo, adianta-se em arrumar uma cama no chão, ao lado da sua. Logo os dois estão deitados. Gregório tem vontade de continuar a prosa, até tenta, mas o cansaço é tamanho que nem consegue completar o pensamento. Dorme. Sonha sem parar... Sonhos bons!

É madrugada ainda quando Gregório acorda. No escuro, fica um tempo meio confuso. Os sonhos, o dia anterior, o anoitecer, a noite, o visitante... O visitante!

– Seu Mariano!

No escuro, ele chama pelo amigo. Ninguém responde.

– Seu Mariano!

Intrigado por não ouvir resposta, Gregório se levanta e acende a lamparina. Ninguém mais no quarto... A cama, estendida como na noite anterior. Ele havia se deitado! Deve estar na cozinha! Corre a casa toda. Nada! O visitante não está em canto algum. A casa continua toda trancada por dentro. O que teria acontecido?!

Os olhos de Gregório começam a percorrer tudo novamente. Aos poucos sua cabeça vai compreendendo tudo o que aconteceu ali. Olha a cozinha, demoradamente. Para as vistas na mesa, onde conversaram. O pacote está lá, bem no centro. Fica

curioso. Que será que traz? Por que será que o amigo deixou o embrulho sobre a mesa?

Indeciso, Gregório começa a rasgar o papel. Fica receoso, mas sente que é um presente para ele. Finalmente, o papel todo rasgado mostra o presente. Que encanto de presente! Um rádio!

Sorri, satisfeito. Liga-o, gira o botão suavemente e, numa sintonia ruidosa, quase inaudível, entrecortada, encontra uma emissora. Está começando a oração da manhã. A voz é rouca, doce, pausada, fala com o coração. Gregório apura os ouvidos... Conhece essa voz! Soa como a voz do visitante.

Não fica impressionado, nada o assusta. Afugenta as interrogações, não quer quebrar o encanto... Apenas entende. E reforça a sua fé.

O Saxofone Azul

Paulo Luís Ferreira

*“Deus me deu um amor no tempo de madureza,
Quando os frutos ou não são colhidos ou sabem a verme.
Deus ou foi talvez o Diabo deu-me este amor maduro,
E a um e outro agradeço, pois que tenho um amor...
(C. D. de Andrade)*

A princípio, posso parecer idiossincrática, pouco circumspecta e um tanto ensimesmada. Entretanto, eu me definiria como uma destemida. E ser destemida, a meu ver, é alguém que busca o improvável. Não necessariamente o impossível, mas aquela que acha ser a vida uma aventura com a dimensão dos sonhos. A que busca os extremos dentro de si. A considerar ser este prenúncio apenas uma forma de insinuar e ao mesmo tempo expor os acontecidos comigo naquelas Férias de Natal. E não se surpreendam com meus melindres, porque aqueles dias foram para mim como um rio, cujas águas serviram de divisora para a história de minha vida. Naquela época estava eu a digerir sobre um desnamoro recente. Quando fui convidada para uma viagem, no mínimo onírica, por assim dizer.

Minha irmã, por motivos profissionais, havia se mudado de Paris para Macau. Estava me convidando para visitá-la. O que não estava no roteiro era o que eu iria encontrar logo ao desembarcar no aeroporto. Duas

surpresas: a primeira: caía um temporal, cuja perturbação atmosférica violenta, disseram ser sem precedente. A segunda: já em companhia de minha irmã, logo após os primeiros beijos e abraços repletos de saudades e emoção, no saguão do aeroporto, me surpreende com seu inusitado convite em forma de desafio, saltar do *Bungee Jumping*. – tido como o mais alto do mundo – Poxa! Logo eu que nunca saltara do primeiro trampolim das piscinas que frequentei e, quando criança, tinha medo de pular até do beliche.

Logo na manhã seguinte começaria meu suplício: a espera pelo quase supersônico elevador que iria nos elevar a grande torre do *Bungee Jumping*. Estávamos na fila quando dei acordo da minha pessoa e senti pelo corpo uma gélida euforia neurótica. Atentava eu, para o dia que me esperava como se pressentisse a ventura, e ou, desventuras que a mim se destinavam. Pelas veias circulava meu sangue em desarmonia. Embora ainda muito confiante e predisposta para a empreitada que minha irmã havia me infligido.

O elevador demorando mais do que devia. Não fazia sentido aquela demora. Queria não pensar em nada. Mas de nada adiantava. A mente logo começou a conjecturar insólitas situações. – haveria ali, no setuagésimo oitavo andar um ambulatório para atender os saltadores do *Bungee Jumping*, que passem mal? – Eu mesma respondia que sim, era bem possível. Fechei os olhos por um instante reabrindo-os em seguida. A fila crescia e ninguém reclamava da demora. Um homem a minha frente, de pescoço grosso e cabeça redonda, lia o

jornal calmamente. Não estava minimamente preocupado. Não quis eu olhar mais a luzinha dos andares, jurava que agora o elevador vinha descendo. Porém não havia nenhum ruído de sua aproximação. Foi num lapso de tempo que acordei desse transe medonho. Um estalo e a porta do elevador se abriu no térreo. Entrei como quem caminha para câmara de gás, agarrando-me às paredes de vidro. Ao desembarcar no topo, a deslumbrante vista premiava toda a expectativa e desabonava o vexame vivido. De onde pude ver grande parte da moderna paisagem de Macau. Numa simbiose arquitetônica de arranha-céus cercados por rios e baías. Ao fundo o oceano Pacífico. Lá embaixo os cenários se misturavam entre o novo e o antigo iludindo o início, onde começa isso ou aquilo.

Dirigindo-me para a plataforma de preparação para o salto, o coração, a cada segundo descompassava sua arritmia. A falta de regularidade e do ritmo era uma constância. Creio que os suicidas ao encostar a pistola na frente sentem o mesmo pânico que eu senti naquele instante. O que iria acontecer em seguida? Os olhos acinzentaram-se e todo o corpo amarelou. Aos pés o abismo.

Logo no impulso alvoroçado da queda, ao ver a imensidão de mundo que se descortinava a minha frente, e o uivar do vento, desferi uma frase um tanto inconsciente para a morte.

– Oiil!... Dona morte!... – e ela respondeu indagando:

– O que você faz aqui?

– Estou treinando para morrer. E você?

– Ora, você já deveria estar ciente. Eu sou a própria morte!...

Pelo jeito a morte também não queria morrer, pois estava cheia de asas. O resto foi tudo silêncio. Desde o céu até o asfalto. Os hormônios se diluindo na corrente sanguínea... As pernas estavam rígidas, o fluxo de pensamentos... Eu sabia estar ali suspensa no espaço. Mas, por estar vivendo certo delírio, não me apercebi da proximidade do fim de tudo: o drástico choque com o chão. A vida já não existia mais em mim.

Foi neste instantâneo que me dei conta, pelo impacto do fim da corda elástica, e o respectivo repuxo. Os impulsos para cima e para baixo simultaneamente deixaram-me desnorreada, impedindo-me de raciocinar de vivo juízo o recobrimento dos sentidos.

Não tinha eu mais condições nem de olhar para o céu. Então pedi para minha amiga/irmã que me deixasse só. Queria eu refletir um pouco, desanuviar a mente. Estava aborrecida. Após muita relutância por parte da mana consegui ficar a sós comigo mesma. Precisava de um lugar onde pudesse me restabelecer de tão assombroso susto. Queria sair dali, assim como a escuridão tem urgência em fugir da luz. A intenção era me encontrar com Deus em qualquer de suas formas e onde quer que estivesse.

Tomei um táxi. Já era meio da tarde e mais uma grande tempestade se anunciava. Pesadas nuvens estavam formadas. Parei o taxi, desci numa praça qualquer.

Girei o olhar em torno. “Era o que me faltava, depois de viver as aflições no ar, agora morrer afogada numa enchente” – disse eu para os meus botões. – Pesadas gotas de chuva se precipitavam. Corri para me amparar sob o toldo de um quiosque; esbarrando em um rapaz também todo encharcado de chuva, deixando-me toda sem jeito, quando certo desespero tomou conta de mim ao tentar me desculpar com as palavras um tanto atabalhoadamente o inglês, o portunhol e, por fim o português mesmo.

– Que chuvarada, hein? – disse-me ele, aproximando-se de mim, fazendo-se gentil.

Que grata surpresa, era um brasileiro. E eu pensando que ele não estaria me compreendendo. O que deixou a cena bastante engraçada.

– Pois é... O dia estava tão bom. Agora essa tempestade... Bem na hora de ir embora... – disse eu tentando ser simpática.

– Bom, pra mim o dia só ficou bonito agora... – disse ele todo sem jeito também.

Só nesse instante percebi sua fala de fato! Então o olhei fixamente, cruzei os braços, e num semblante de espanto, indaguei:

– Ops! Você também é brasileiro?...

– Sim, sou brasileiro, algum mal nisso?

Por um instante meu sangue congelou nas veias ao ouvir aquela melodiosa voz de meio espanto e meio engraçada. Sorri e disse:

– Não, claro que não... Ei, eu também sou brasileira!...

– Deu pra perceber. – disse ele mais uma vez demonstrando toda sua graça.

Ah, se esses raios e trovões soubessem a fortuna que acabaram de transportar. Ao atravessarem as nuvens trazendo-me você. E dar-me a chance de ver esses olhos tão belos, e descobrir que dele serei prisioneira por toda minha vida. – mais uma vez prestei-me a falar comigo mesma. E indaguei, com certa lubricidade.

– Deu é?

Passamos às apresentações, enquanto motoristas insensíveis nos inundavam de água contaminada de enxofre, mercúrio e energia dos raios e trovões. Tudo estava maravilhosamente lindo. Quando lhe perguntei:

– E você, o que faz por essa outra banda do mundo, numa véspera de natal, além de abordar moças desconhecidas com cantadas de adolescentes?...

A princípio, envergonhado pela minha indiscrição sobre suas intenções, e como quem não está com intenção de falar seriamente. Por fim soltou esta fala num súbito tentando ser mais engraçado do que já estava sendo.

– Eu sou um o super-homem!...

– Super-homem?... Ah, não me faça de boba!...

– Claro que não. – disse rindo-se graciosamente com certo deboche – dando a entender que estava mesmo brincado comigo.

– Está bem!... Quais seus poderes?... Salva mocinhas em apuros, desvira trem descarrilado, voa, tem super força e tal? – perguntei, brincando, fazendo o jogo dele.

– Isso mesmo eu voo, acabei de voar, saltei do *Bungee Jumping!*...

– Não acredito, eu também!...

– Por que a gente não vai logo ali, no Beco do Lilau... Essa chuva não está com jeito de que vai passar tão logo. Podemos ir até lá saborear uns Pastéis de Belém, que tal? Daí eu te explico tudo com detalhe, sobre meus poderes... – convidou-me ele, cheio de mesuras.

E eu, já percebendo suas intenções, que para minha alegria, eram as minhas também, aceitei sem titubear.

Após uns tantos pastéis e muitas conversas sobre nossos desesperos e vexames no Bungee Jump, e mais tantas outras engraçadas, destravei meu coração para que fluísse toda a essência do meu ser com a premência dos que, enfim, encontram o amor, mas sabem ser este etéreo, e o tempo perene e, para tanto, necessário será

pará-lo para que o instante se eternize. Quando ouvi uma voz me arrebatando do transe, dizendo:

– Júlia, feche os olhos! – e me deu o beijo mais doce de todo este mundo.

A exemplo de Kafka, eu até me inclino a certos exageros. Mas o que é uma mulher apaixonada, senão propensa aos excessos? A chuva, do jeito que veio se foi em forma de furacão; pairou lá por cima, ficou para depois das nuvens. E a suave brisa instalou-se em mim, cantando versos solenes.

Abraçados e, aos beijos, fomos até a bica d'água, pois como dizem os felizes turistas que bebem da água daquela fonte: “Aquele que beber da água do Lilau, jamais se esquecerá de Macau”. No meu caso não era só a água que iria me fazer não se esquecer de Macau.

Ao passarmos de volta pela praça um homem tocava lindamente seu Saxofone Azul. E como duas crianças alegres, dançamos o Foxtrote. E a noite continuou assim.

À meia-noite pipocaram os fogos no céu do Natal.

Pé de meia na janela

Geraldo Trombin

Não tinha chaminé ou árvore decorada com motivos natalinos. Não tinha presente. Nem futuro. Apenas ali pendurada na janela – surrada, laseada, abandonada, solitária, vazia – a meia de seda da sua querida avó que, inocentemente transformada em capuz, foi o seu primeiro passo à delinquência e à marginalidade. Noite infeliz!

Retalhos

Evandro Valentim de Melo

Quantas aventuras, desventuras, agruras e farras a ‘família’ daqueles dois vivenciou em conjunto. Leandro e André se conhecem há muito tempo. Para ambos, família se constitui dos verdadeiros amigos que se agregam, trazidos pelo que eles chamam de Destino.

Mas o tempo, esse tirano, fez os membros dessa ‘família’ trilharem seus caminhos. Alguns se casaram entre si. Incesto? De certa forma, pois eram da mesma ‘família’. Outros se mudaram para longe. Há gente desta ‘família’ espalhada por inúmeras localidades desse grande Planeta Azul.

Restaram André e Leandro, solteiros convictos que, diante da Catedral Metropolitana de Brasília, juraram jamais se casar. Levaram a ferro e fogo a jura. Tanto que registraram em cartório, numa manhã sequencial à noite de grande embriaguez. Documento em uma das mãos e, na outra, a garrafa de cerveja bradaram:

– Agora é no civil e no religioso. Saúde!

Véspera de Natal, os amigos se reencontraram. Ocasão mais do que especial e não poderia ser, senão no mesmo bar que frequentam desde que não faziam ideia de que profissão seguir, mal tinham grana para pagar o que consumiam; não tinham barriga avantajada, cabelos grisalhos ou calvície. O bar oferecia especial programação para um público de desgarrados, como Leandro e André.

Além da alegria e saudosismo à mesa; o “chope mais gelado e a melhor comida de boteco da cidade”, servidos pelo já idoso garçom de sempre, que lhes garantia ser aquele o último ano de trabalho.

– Vou me aposentar, disse Félix, talvez o garçom mais conhecido da noite brasiliense.

– Um brinde a isso, Félix.

Várias tulipas depois, inúmeros ‘Degredados filhos de Eva’ enchiam o bar. Leandro e André conversavam sobre a perda do grande amigo, integrante daquela trupe, falecido há pouco mais de um ano, cuja simbólica cerimônia de adeus ocorrera no Jardim Botânico de Brasília. Bento, o amigo falecido, aniversariava na antevéspera do Natal. Inevitável o assunto se apresentar à mesa.

– Seu túmulo foram dois dos maiores inspiradores das histórias humanas: o céu e o mar. Maldito avião!

Inevitável ressurgirem as lembranças sobre Bento. Leandro contou a primeira:

– Era nossa festinha de sábado, na casa da Vilany. Flora, a paixão secreta de Bento, não pôde ir. Ele afogou as mágoas nos vinhos baratos que comprávamos. Como éramos duros! A paixão por Flora só se consumou no apagar das luzes daquele ano e pouco durou. Intenções represadas por muito tempo. Quando as compotas se abriram, a água escorreu toda de uma vez e secou. Quem entende o coração?

– Ele vivenciou intensamente a caminhada, não a conquista. Paradoxos: o ansiado encontro veio carregado de perda. Vinícius já dizia “a vida é a arte dos encontros, embora haja tantos desencontros pela vida”. O casal perdeu o tempo da bola; Bento e Flora comeram a fruta quando já estava passada.

Já embriagados e demasiadamente sensíveis, queriam externar suas recordações sobre o amigo ausente...

– Bento contou-me uma história ouvida por ele no segundo ano escolar. Nela, o protagonista ensimesmava sobre o dia que encerrava: se estava pessimista, achava que vinte e quatro horas se esvaíram e ele estaria mais próximo de morrer; se otimista, celebraria mais um dia vivido, quando, inúmeras pessoas não chegaram a completá-lo, vitimadas por alguma tragédia. Tentei descobrir de qual livro era, para presenteá-lo, mas não tive sucesso.

– “Excessivamente metódico”, diziam dele. Quantas vezes já estava nos locais de nossos encontros antes de chegarmos. Perguntei-lhe a razão de ser mais pontual que o mais pontual dos britânicos. Contou que aos nove anos, acordou atrasado e não pôde tomar seu café da manhã. O pai, que o levava diariamente à escola tinha uma reunião de emergência. Bento nunca se esqueceu de como foi difícil deixar as torradas com manteiga, parmesão ralado e orégano. “Vamos, vamos! Não vai dar tempo de você tomar seu café”, disse-lhe o pai, que completou: “Te dou uma grana para comprar o

lanche na escola”. Nunca mais encontrou em outras torradas vindouras o sabor imaginado daquelas que lhe foram vetadas, tão convidativas e com inigualável perfume.

– Conheço outra história, da mesma época. Bento, precocemente, falava de temas adultos. Dizia já haver presenciado inúmeras vezes a irresponsabilidade dos ‘adultos’, mais parecendo que prolongavam em demasia a fase adolescente. Quando o pai de Bento o levava à escola, ouvia sempre a mesma estação de rádio, horário em que uma psicóloga lia cartas dos ouvintes, normalmente tratando de dificuldades nas relações familiares. O comentário do dia narrava a aflição de uma mãe que não atinava as razões dos comportamentos inapropriados dos filhos adolescentes, e isso a entristecia. A especialista surpreendeu-se quando essa mãe mencionou a idade dos “adolescentes”: 22 e 24 anos. Bento registrou o comentário do pai: “Adolescentes? Com vinte e três anos eu trabalhava de dia, estudava à noite e morava sozinho. Adolescentes...”.

– Morar sozinho, como ocorreu com o pai, não fazia parte dos planos de Bento. Ele apreciava viver em família. Mesmo depois que começou a trabalhar preferiu ficar com a mãe, o pai e o irmão. “Lugar bom é a minha casa”, dizia Bento, que sentia grande prazer ao lado dos seus. Quando o visitávamos, ele sempre cantava: “o melhor lugar do mundo é aqui e agora”. Não há como não se lembrar dele ao ouvir essa canção do Gil.

– E a relação com Deus? Dizia conversar com Ele. Herdou da mãe o costume de rezar antes de dormir. No início, ela o acompanhava nas orações decoradas, que tanta gente repete automaticamente. Ele bocejava mais do que tudo. Um dia, criou coragem e disse à mãe que Deus e Maria deviam se sentir entediados por ouvirem, todos os dias, a mesma ladainha repetida por tantas pessoas. A mãe se aborreceu e disse que rezasse como achasse melhor. Ele passou a conversar com Deus, dando-Lhe, inclusive, sugestões: que mudasse a maneira de as pessoas morrerem; que fosse indolor e de preferência ao dormir. Bento não concebia Deus como um Ser vingativo a Quem se deve temer. Tinha-O como amigo conselheiro.

– E a do abacaxi? Bento seguia, sem hesitar, as orientações dos mais velhos. Antes de fazer ou deixar de fazer algo, indagava-se se seus comportamentos decepcionariam os coroas. A partir desse episódio, decidiu relativizar essa neura. Na casa de um grande amigo paterno, Bento recebeu duas generosas rodelas de dulcíssimo abacaxi pérola. Estivesse em sua casa, comeria mesmo com as mãos, contudo, vieram em um elegante prato, acompanhado de talheres de prata. A parte mais apreciada do abacaxi, por Bento, era o talo. Deixava para comê-lo por último, a fim de prolongar por mais tempo a sensação de prazer. Prestes a saborear os dois pedaços centrais de que tanto gostava, ouviu comentário a seu respeito: “é um menino de ouro! Fosse um desses moleques mal-educados, comeria o miolo do abacaxi e ainda lamperia o prato”. Em seguida, outro comentário: “Verdade, esse menino é um príncipe! A educação

chegou aí e parou”. Bento abriu mão do que mais gostava, para não decepcionar os mais velhos.

Os amigos riram e viraram as tulipas de chope.

– Félix, outra rodada.

De repente, Helena, a morenaça com quem Bento se relacionava antes de morrer, se aproximou, com “seu vestidinho preto indefectível”.

– Bem-vinda, Helena.

– Eu tinha certeza que encontraria vocês aqui. Aposto que falavam sobre Bento, acertei?

– Na mosca. Um chope?

– Sim. Acompanho vocês. André, faça um brinde daquele jeito que você sabe. Bento merece algo bem especial. Depois tenho de ir.

Félix reapareceu com as tulipas. André puxou pela memória e encontrou Michel de Montaigne: “Na amizade as almas se misturam e se confundem num elo tão integral que não se vê mais a costura que as une”. A você, Bento, onde quer que esteja.

– Belas palavras, André, disse Helena. Vou lhes contar como Bento e eu nos conhecemos. Foi em uma livraria. Eu procurava algo para presentear um amigo bicho-grilo. Bento estava lá, imerso, a ler orelhas de livros. Sequer me notou, logo eu. Achei que ele tinha um ar intelectual e resolvi pedir indicações para o presente. Fiquei admirada do quanto ele conhecia de literatura. Escolhi uma das sugestões e o convidei para um café.

Vocês nem imaginam como ele ficou vermelho. Creio que ao tomar a iniciativa, o intimidei.

– Desculpe, Helena, qualquer um se intimidaria. E já que estamos entre amigos, saiba que, com o perdão pelo trocadilho, nós infernzávamos Bento em relação a você. Nunca acreditamos na conversa dele, de que não sentia ciúme de você.

– Eu gostava de ouvi-lo contar as histórias de vocês – disse Helena. Quem não gostava? Ele encantava a quem o ouvia. Quanto ao Bento não sentir ciúme, me incomodava. Um pouco disso faz bem à relação. Agora preciso ir, meninos. Quis vir aqui para esse brinde. Feliz Natal a vocês.

– André, preciso lhe revelar algo. Não posso mais guardar isso comigo. Pouco antes de Bento embarcar naquele fatídico dia, nós conversamos no aeroporto. Ele ia encontrar essa aí – apontou com o lábio inferior para Helena, já distante. Contou que havia um burburinho de que ela estava com outro, lá nos ‘States’.

– O ciúme foi o carrasco de nosso amado amigo?

– Sim. Penso em escrever sobre isso. Um conto, um romance... Sei lá.

– Sobre Bento?

– As histórias dele. Acho-as tocantes. E vou manter o nome do personagem: “Bento”.

– Não use a desconfiança dele em relação a Helena na trama da história.

– Ué, esse será o fio condutor da história. Discorrer sobre conflitos psicológicos em torno da dúvida.

– Vai ser acusado de plágio.

– Minha erudição falha, explique.

– Pense bem, qual famoso romance de um dos mais brilhantes escritores brasileiros, se não o melhor, trata da desconfiança de um marido, que, coincidentemente, se chama Bento em relação à esposa?

– Pústula putrefata! Bento e Capitu. Lá se vai minha história.

Meia-noite. Foguetório. Os clientes brindaram, se abraçaram, era Natal. A data motiva tais comportamentos.

Horas depois, o astro-rei acordava; já os boêmios, despencavam em suas camas.

A vida prosseguiu. Ainda bem.

Um conto de natal

Silvia Ferrante

Ela estava sozinha naquela tarde gelada de véspera de Natal. Havia chegado à Lisboa no dia anterior e, pela primeira vez na vida, estava sem ninguém.

Ela, sempre tão cercada de gente, experimentava a solidão, estava apenas consigo mesma, numa aventura única. Queria andar pela Terra de seus antepassados, sentir aquele lugar como parte de si.

Quando chegou à beira do Rio Tejo, a emoção tomou conta de seu coração e o choro veio manso e sentido. Não sabia exatamente o que a guiava naquele momento, as lágrimas teciam fios invisíveis e gelados por sua face.

Ela estava bem protegida e agasalhada, e a tensão do momento ajudava a se manter aquecida. Havia sonhado com esse instante, pensava muito nos avós. Queria que o seu pai também estivesse lá. Porém sabia; esse era o seu momento.

O movimento ali perto do porto era grande, mas tranquilo, como se todos estivessem se preparando para a grande noite que chegaria em breve.

Caminhou mais um pouco, olhando a correnteza do rio. Navegava por aquelas águas mansas em seu pensamento, estava com seus antepassados ali, agora.

Sentou-se à beira do cais de pedra. Ficou ali, hipnotizada olhando o rio passar...

Os pássaros iam e vinham, gritavam, pediam migalhas. Ela esfarelou um pão que trazia consigo e distribuiu a eles. Adoraria saber voar...

O que havia feito com sua vida? Será que tinha feito realmente tudo o que devia? Tudo o que podia? O que faltava a ela? O que o futuro traria? Eram tantas perguntas e ela ali, parada, sem conseguir responder.

Escurecia rapidamente como sempre acontece nos meses de inverno, o frio aumentava, mas ela não se mexia, não tinha vontade, não queria sair dali ainda.

O vento era cortante, talvez nevasse mais tarde, seu rosto já estava bem corado por causa da temperatura tão baixa, e o formigamento do corpo começava a se fazer sentir.

De repente, escutou uma voz desconhecida dizendo algo... Saiu do torpor em que se encontrava e viu um rapaz lindo, de cabelos encaracolados sorrindo para ela.

Ele sentou-se ao seu lado, sem cerimônia e lhe ofereceu um copo com chocolate bem quente. Ela simplesmente aceitou, e aquele líquido foi como um bálsamo a esquentar seu corpo. Ela sorriu e agradeceu a gentileza.

Ele a observa curioso e queria fazer muitas perguntas, porém preferiu dar tempo para que ela se aquecesse.

Após alguns instantes ele, quebrando o silêncio, perguntou:

– Você está bem? O que faz aqui sozinha, neste frio todo?

Ela voltou seus olhos verdes para o rapaz e disse:

– Não sei, precisava estar aqui, pode entender isso?

Ele sorriu, um sorriso de anjo, e assentiu com a cabeça. Estendeu-lhe a mão e a chamou para caminhar um pouco.

– Venha, vamos andar antes que a gente se congele aqui parados.

Ela aceitou obedientemente ao chamado. Saíram a caminhar pelas ruas frias de Lisboa. Ela bebia as imagens com paixão.

Começou a lhe falar de sua vida, de seus antepassados, desta Terra, que por tantos anos viveu apenas em sua imaginação.

Ele estava ali de passagem, segundo disse. Vagava por aí. Não entrou em detalhes, e ela respeitou o silêncio dele. Ele a encorajou a falar, contar mais sobre sua vida. E assim ela fez, falou muito, de seus sonhos, de seus amores, de seu trabalho, até de seus males...

Ele ouvia atento e segurou sua mão. Assim continuaram a caminhar pela noite.

Andaram horas pela Baixa de Lisboa. O lugar era mágico no Natal. Ela observava tudo, feliz que estava.

Sempre um cheiro bom de comida, as luzinhas por todo canto, alguns sons... Os sons... Ela se encantava com isso.

E assim chegaram até Alfama, bairro onde os músicos e artistas se reúnem. Lá ela ouviu muitos fados, aquela música sentida e melodiosa que os portugueses têm.

Experimentou um bom vinho, e continuaram a caminhar por entre Igrejas e casarões, naquelas ruas de pedras, com subidas e descidas íngremes. O hoje em que vivia aos poucos se perdia nessas ruas de tanto passado. Tudo tão simples. Num passe de mágica, suas dores se esvaíam naquelas pedras tão antigas das ruas.

Caminharam por horas a fio...

Estava cansada, o frio aumentava a dificuldade em caminhar. Porém não reclamou, apenas caminhava ao lado do rapaz.

Ele falava com ela de maneira carinhosa. Falava da vida, da morte, de viagens. Falava sobre não ter medo, não guardar rancores, nem ódio.

Parecia um Anjo, esse rapaz. Ela sorriu ao pensar nisso e ele fixou seu olhar nela e sorriu também. Era como se soubesse o que ela pensava.

Uma névoa encobria a cidade, o frio aumentava muito. O aspecto era sinistro, mas belo. As luzes ficavam embaçadas por causa da neblina densa e os passos começaram a ficar mais lentos e cuidadosos. Pararam num banco, à beira do cais para descansar um pouco. Ele olhava para ela e lhe sorria. Ela estava muito cansada,

olhou novamente para o rio manso, de onde subia uma neblina fria. Encostou seu rosto no ombro do rapaz, e adormeceu.

Quando raiou o Dia de Natal, a encontraram ali, já sem vida, coberta de neve e sorrindo. Nas mãos segurava um pacote de tecido com uma fita azul.

Ao abrirem o pacotinho havia um anjo de cristal....

Sapatos vermelhos

Aparecida Gianello dos Santos

Lembro claramente das diversas sensações que me trazia a expectativa do Natal, notadamente naqueles dias em que a promessa de um presente marcante reservado a mim dançava solta pelo ar. E até deram pista, os padrões: “Seu presente já está comprado!”.

Ao pensar na possibilidade de ser o que eu mais desejava, meu coração disparava de puro êxtase e minha cabeça dava voltas e voltas já imaginando as possíveis aventuras as quais me levaria o presente. Era um sonho de infância, não obstante eu estivesse na casa dos treze. Pelos longos doze anos precedentes, só o que me trazia o velho Noel era uma bonequinha de plástico, dessas que vinham sem roupas. Era tão fácil encontrar aquelas, quanto saber que não se tratavam de outras coisas. Digo isso por causa do embrulho: somente papel, nada de caixa, deixando assim evidentes as suas formas curvilíneas. Pobre Noel... Mal e mal sabia embrulhar bonecas, muito menos a uma criança.

Naquela casa eu era uma espécie de filha postiça, ou, como eu mesma supunha, algo a ser exibido aos amigos das pessoas com as quais morava. Eventualmente, gostavam de se dizerem caridosos para com os necessitados. E assim, minha vida era entremeada ora por ceninhas de uma família perfeita e cheia de mela-mela, ora por uma triste, mas real história. Coincidência ou não com a ficção, o casal tinha duas filhas pequenas, e eu

cuidava delas, além de lavar, passar, cozinhar, limpar e o que mais surgisse ao longo das horas. Mamãe tivera muitos filhos e, por isso, dera-me àquela família a fim de que me criassem. Lá eu tinha comida e roupas e isso me confortava de certo modo. A patroa dizia que estava me ensinando a ser gente quando me incumbia de todos aqueles afazeres. Ocupava-me ao longo do dia a ponto de não sobrar tempo para os estudos. Contudo, eu era feliz assim e não reclamava da sorte, sobretudo naqueles dias em que se aproximava o Natal.

E chegara o dia. Desta vez, a ceia ficara por conta dos meus patrões. Tudo transcorria na mais perfeita ordem enquanto em mim rebulicava um misto de ansiedade e expectativa, o que foi bom, a julgar pela rapidez com que concluí minhas tarefas. Restou-me o tempo necessário para um ligeiro banho antes de me juntar às crianças e demais convidados, e já era quase meia noite. Foi quando chegou o Papai Noel, que na verdade mais parecia um palhaço, literalmente. Reconheci logo, pelos seus olhos asiáticos, que se tratava de um amigo da família, mas as crianças estavam tão eufóricas com aquela figura, que acreditavam mesmo ser o mágico e bom velhinho que vinha lá do Polo Norte e coisa e tal. Olhei fixo para ele e sorri irônica, como quem avisasse: “Eu sei quem você é!”. Ele sorriu de volta, fazendo uma leve careta, no que me desarme por completo. Respirei mais que aliviada. Afinal, era aquele ser quem iria me proporcionar a maior alegria da minha vida. Tudo agora era uma questão de tempo. Só o que eu precisava era me conter e esperar pela minha vez de

receber o presente. Já era esperado que eu ficasse por último e o porquê disso era mais do que claro: entregar um presentão assim exigia certo aparato...

Enquanto eu corria os olhos em redor tentando imaginar um possível lugar onde estaria escondido meu presente, ele me chamou, era a minha vez. De repente, senti um miniataque de pânico ao ver que havia ainda algo dentro do saco, donde rapidamente o Papai Noel sacou uma pequena caixa. “Pequena demais para caber uma bicicleta...”, pensei temerosa. “Vai ver, tem dentro uma espécie de mapa do tesouro, com suas coordenadas me indicando o local exato da casa onde devo encontrar meu presente, só pode ser!”, repliquei. Sorri e fui ter com o Noel japonês. Peguei o embrulho de suas mãos, posei para a foto e corri para um lugar mais sossegado, enquanto as crianças brincavam com seus mais novos e sensacionais brinquedos.

Para minha surpresa, um par de sapatos foi tudo o que encontrei dentro daquela caixa. Nada mais, e nada de mapa, para a minha decepção. “Mas onde está minha bicicleta vermelha?”, me perguntei entre lágrimas. E um nó na garganta surgiu junto de uma grande raiva de tudo aquilo. Demorou um tempo para que eu entendesse que não haveria mesmo outro presente além daqueles sapatos vermelhos. Meus pensamentos agora eram brancos. E as únicas palavras que transitavam em minha mente eram: “Por que fizeram isso comigo, por quê...?”.

...

Vinte anos se passaram...

– Desta vez você não vai adivinhar, mãe!

– Mas isso não é justo... O que será que tem dentro desta caixa, hum?

– Não me olhe assim, querida! A ideia não foi minha...Vamos, já abrimos os nossos presentes, agora abra o seu!

– Bem, é uma caixa pequena, então...

Hesito por um instante, lembrando-me daquele triste Natal que vivi ao tocar aquela caixa, especialmente pelo seu formato. Claro que nenhum nem outro sabiam do meu antigo e frustrante caso natalino. Tampouco sabiam eles que o Natal me costumava ser cada vez mais vazio depois daquele. Uma coisa, porém, eu não consegui esconder: sempre lhes falei do meu grande desejo, que era ganhar uma bicicleta vermelha no Natal. Eu sabia que era falso aquele Papai Noel, como também sabia que era fantasiosa a sua história, mas a dor que senti era real. Penso ter sido a decepção a apartar de mim todo o encanto pelo Natal, reduzindo-o a uma mera data no calendário.

– Ah, um kit de beleza! Obrigada meus amores!

– Vai, mãe! Vê o que tem no fundo da caixa...

– Ainda tem mais?

E a surpresa veio quando encontrei, por debaixo dos itens daquele kit, um pequeno mapa caprichosamente

desenhado à mão. Em pensamento, li nele os seguintes dizeres: “Seu presente está no X”. A princípio eu só queria entender de onde meu filho havia tirado tão gêmea ideia, já que eu sempre pensava nesse tipo de coisa quando criança, mas logo saí em disparada, atrás do tal tesouro escondido. Impossível me foi não voltar a ser criança naquele instante.

Fui passando pelos diversos cômodos da casa, seguindo as coordenadas. Atrás de mim, vinham os autores daquela ideia, que comemoravam a cada avanço meu. Quando me dei conta estava quase no “X”, faltando-me apenas um abrir de portas para enfim chegar ao meu tão esperado presente. A emoção estava à flor da pele. Respirei fundo, segurei firmemente na maçaneta, dei um breve clique, e lá estava... Senti enrubescer meu rosto, pelo calor que emanava dele. E lágrimas verteram quentes dos meus olhos, seguidas do maior de todos os nós na garganta. Foi quando finalmente pude compreender o verdadeiro sentido do Natal. Renovada, pelo espírito transformador do perdão, limpei as lágrimas dos olhos e as mágoas do coração e fui feliz da vida, festejar o Natal com minha família...

...e meus mais novos e belos sapatos vermelhos.

Um conto sobre encanto enquanto tivermos lembranças

Edib Longo

Era a quinta vez que ia ao portão. Nem meu pai. Nem meu tio. Nem minha avó. Como diria Guimarães: nonada. O meu tio tinha uma imaginação e tanto para comprar os presentes. Era meu ídolo. Nunca dava roupa. Sempre brinquedos criativos ou bons livros ilustrados.

Fui para meu lugar preferido. É lá onde cultivo segredos e colho minhas verdades. E meu coração – músculo frágil, mas mutante – onde guardo as fantasias que crio olhando ao entorno da janela de uma casinha feita numa pequena clareira que é linda e organizada como sempre.

Eu a escondia entre vários galhos para proteger a minha intimidade das investidas intempestivas de meu irmão. Ficava lá dentro lendo ou, simplesmente, inventando histórias e escrevendo. Tinha vários amigos de nacionalidades diferentes. Todos feitos de pedrinhas e durepoxi, ricamente pintados e caracterizados por mim.

Eu os criei porque sempre discordei da história da torre de Babel e, por que tanta diferença também racial?

Assim, inventei-os com deficiências e os incitava a fazer coisas que gostaria de fazer; mas, enquanto estou sob a guarda de meus pais, não tenho a mínima condição financeira. Um dia, trabalharei e farei tudo o que tenho vontade.

Shisue, a japonesa gaga que, não podendo fazer Teatro, praticava judô e karatê. O Jonathan, um pianista inglês, cuja maior qualidade era a polidez e as observações com uma leve ironia britânica. Era vesgo e usava grossas lentes. Igor era um russo que, por ser pernetá (o durepoxi tinha acabado) e não poder dançar, ficava horas assistindo aos filmes e documentários sobre o Baryshnikov.

Francesca era uma italianinha que falava muito com as mãos e tinha quatro braços (acho que o durepoxi acabou de tantos dedinhos que tive que fazer). Ela adorava viajar e como era muito pobre, contentava-se em olhar para um Globo e imaginar os lugares onde seus dedos paravam.

Aí, os dedos brigavam entre si, pois eram vinte e quase sempre os indicadores, que eram quatro, paravam em lugares diferentes. Então, havia uma reunião para concluírem para qual lugar ela viajaria.

Olhei pela janelinha que tinha feito cortando algumas folhagens para fugir das chineladas da mamãe quando, como sempre, atrasava-me para o jantar. Ninguém à vista e, pelo jeito, nem a prazo. A primeira lágrima pipocou, ardendo a retina. Limpei-a com raiva.

— Disse-me que daria certo, não foi?

Um lindo cachorrinho branco pulou da gravura de meu livro favorito e enxugou mais uma lágrima:

— No es medionoché. Tengo una buena noticia. Ella quiere hablar contigo.

Pulei de excitação. Um misto de alegria e medo. Há meses, mudara-se para a casa da colina uma bruxa. Chegou numa vassoura elétrica e passou tão rápido por mim que a única coisa que pude ver foi a protuberância na ponta do nariz.

Acho que só voava à noite. Sempre que passava pela rua que dava fundos para a janela da cozinha, via uma cestinha com mantimentos do supermercado na portinhola. Ela rapidamente pegava a cestinha. Parecia que tinha medo de ser vista. Devia ser horrorosa, coitada. com aquela protuberância toda e pelo tamanho da vassoura, devia ser obesa.

Macabricho - nome fictício que lhe dei - uma mistura de macaco, com cabra e bicho, era muito alta. Às vezes, eu via a sua silhueta da janela. Devia ter uns dois metros. Acho que só estendia os braços para fora da janela e já alcançava a horta.

Nunca a vi do lado de fora da casa. Ela parecia perceber que a bisbilhotava, pois fechava a cortininha xadrez em preto e vermelho que dava mais um ar de mistério à casa.

— Javier, tem certeza que ela quer falar comigo?

— Al igual que dos más dos es igual a cuatro.

— Em português, por favor. Já disse que não admito que nenhum de vocês fale comigo nas suas línguas. Além de ser falta de educação para com os nossos leitores, eu não sei falar outras línguas e só entendo vocês porque os criei, entenderam?

Todos parecem ter entendidos, mas Javier, o cachorrinho espanhol é meio espalha brasa e quase sempre se esquece destes regulamentos que criei para que pudéssemos coabitar sem grandes tumultos.

Bem, fui para casa. Tomei um belo banho e pus o meu melhor vestido. Perfumei-me de água de cheiro. Não estava com medo. A curiosidade em mim faz com que tome certas atitudes que até eu duvido. Fui intrépida à casa da colina.

Enquanto esperava alguém abrir a porta, dei uma olhada no jardim. Incrível, parecia um morto que tinha voltado do além. Superflorido e bem cuidado. Do lado direito da casa, dava para ver uma horta simetricamente bem plantada com as verduras já boas para o uso.

Como ela conseguira reerguer em tão pouco tempo aquela velha casa? Estava tão perdida no meio de meus pensamentos que levei o maior susto quanto senti a pressão delicada de uma mão em meu ombro.

— Pois não?

Na minha frente estava a mulher mais linda que já vi. Nem as que aparecem nas revistas de modas eram tão refinadas e elegantes. Usava roupas clássicas em tons azuis coordenados que combinam perfeitamente com o azul penetrante de seus olhos.

Nos pés, um mocassim branco que combinava com o colar de duas voltas de pérolas no pescoço delgado e com o anel também de pérolas na mão fina e pequena. Tudo isso eu analisei em segundos, pois adoro navegar

pelas entrelinhas dos fatos que são mais importantes, às vezes, do que o próprio fato em si.

Ao soltar a mão que ela me estendera, senti uma sensação prazerosa de aconchego. A sala de estar era bem arrumada e decorada. Na mesa central um vaso com flores recém-collidas deixava no ar um cheiro de asseio.

Embaixo de uma árvore de Natal em pinheiro natural, vários pacotes de presentes. Meus olhos brilharam. Ela desligou o pisca-pisca da árvore e acendeu a luz. Levei o maior susto. Pauline em carne e osso estava diante de mim. Ela é francesa, daí a elegância no vestir e andar. Sumiu de minha casa de repente.

— Como você demorou!

— E você, porque não me procurou mais cedo? Onde andou? O que aconteceu?

— Calma, mon chéri. Rafael, quando fugiu de você, deixou-me cair no caramanchão do quintal e, no primeiro temporal que teve, fui transportada para cá pelas águas. Gostou das reformas que fiz em nossa casinha?

Ela foi a minha primeira criação com pedrinhas e durepoxi e me foi arrebatada pelo meu irmão do meu outro esconderijo. Desde aquela época, nós apenas nos suportamos, apesar de nos amarmos.

Da última vez que tive um ataque epilético foi ele quem chamou a ambulância e me salvou, puxando a minha língua para que não sufocasse. Salvou a minha vida, mas continua atrapalhando as peças de meu quebra-cabeça, literalmente.

— Parece triste. Hoje é Natal. Sempre está alegre nesta época. O que houve?

— Não reconheci a minha própria criação. Estou me sentindo péssima. Fiquei dias observando você da janela da cozinha e parecia que era um monstro. Como o medo deforma a realidade das coisas. E você sempre foi a mais querida, pois foi a primeira.

Sempre tive consciência de que meus pais eram simples operários. Éramos muito felizes, apesar das necessidades. No Natal do ano passado, todos se cotizaram para comprar o meu computador. Quase desmaiei de tanta felicidade. Foi um presente só, mas que valeu por todos. Por isso, acho que este ano não vou ganhar nada, mas queria qualquer coisa nem que fosse uma bolinha de gude.

Mas, parece que o meu Papai Noel virou um bicho papão com seu saco que leva criança para fazer sabão ao invés de dar um presente. Claro que não acredito nisso, mas que está doendo esta indiferença natalina, está e como! Parece que todos me esqueceram. E, já são quase onze horas. Noutras ocasiões, neste horário, nós já estávamos ceando e só esperando para os sinos da Igreja nos anunciar que podíamos abrir os presentes.

Quando levantei a cabeça, ela não estava mais na sala. As luzes começaram a tremular, apagando devagar. Da cozinha vinha um cheiro delicioso de todos aqueles pratos típicos da época. Ela me chamou. Em todas as paredes, enormes tochas estavam acesas, dando um

encanto mágico ao lugar. A mesa estava posta para doze pessoas.

No centro uma enorme bandeja cheia de frutas. Nas cabeceiras da mesa, ao invés das cadeiras, havia duas cascatas com todo tipo de guloseimas. Havia também dois castiçais, cada qual com doze velas acesas. De repente, ouvi passos que desciam a escada que dá para os quartos. Senti um calafrio. Vozes começaram a cantar baixinho músicas natalinas e, gradativamente, foram aumentando.

Eu me sentia presa ao chão, totalmente paralisada. Fechei os olhos, rezando baixinho. Senti um arrepio de medo, apesar de que as luzes refletindo nas paredes era encantador. Pauline parecia de cera sob o reflexo das luzes, seus olhos azuis pareciam vermelhos e, agora daria tudo para estar em minha casa.

Tentei gritar, mas parecia que uma mão de aço apertava a minha garganta. Fechei os olhos com tanta força que senti as pálpebras querendo se partir. Estremeci quando senti um beijo em meu rosto.

— Surpresa!

Abri os olhos e a luz foi acesa. Papai se vestia como papai Noel, mas era tudo preto ao invés de vermelho. Ele não suportava o vermelho. Não tinha nenhum saco nas costas, como de costume. Segui o seu olhar sorridente e ele apontou com a cabeça a árvore de Natal.

Fui correndo à sala. Minha mãe segurava uma foto com o piano que ganharia. Meu irmão me pediu perdão pela última traquinagem que tinha feito comigo e me deu um atabaque. Minha avó exibiu com orgulho o vestido que fez para eu comemorar meus quinze anos que será em janeiro e meu ídolo maior, tio Fabrício, entregou-me o cavaquinho e o tamborim que há muito eu desejava. Já poderia montar a minha banda.

— Mas, por que tantos lugares à mesa, Pauline?

— Surpresa número dois!

Todos meus amigos entraram gritando e quase me sufocando de tantos beijos e abraços. Jonathan, com seu piano a tiracolo que apareceu como um passo de magia, começou a tocar a “Ave Maria do morro”, música que adoro.

Francesca gesticulando começou a cantar, seguida de Igor, que embora com uma perna só conseguia voltar muito bem pelo salão que estava iluminado de cores laranja, amarelo e vermelho, reflexo do pôr-do-sol que havia ficado para o encantamento desta noite. Shisue, com sua roupinha típica, sorria com a cabecinha sempre ondulando para cima e para baixo parecendo uma pombinha procurando casquinhas de pão num parque.

Eu estava muito feliz, mas continuava intrigada porque ainda sobrava um lugar à mesa. Sentamo-nos para dar o início à ceia, depois que todos receberam seus respectivos presentes. Quando levantamos os copos para

fazermos o brinde exatamente à meia noite, um barulho irrompeu da sala, seguido de um grito de dor:

— Ajudem-me!

Todos corremos e ficamos parados vendo um homem enorme, com longas barbas brancas e um saco enorme nas costas, acabando de sair da lareira.

Vocês podem pensar que estou mentindo, mas ele era o Papai Noel em literalmente carne. Devia pesar uns duzentos quilos. Não é à toa que ficou entalado na chaminé. Sorrii, aproximou-se de papai e lhe entregou um papel. Agora a mesa estava completa. Papai leu, pediu os óculos para mamãe, leu de novo e pulando como criança, só gritava:

— A casa agora é nossa!

O velho sonho da casa própria. Nem fiquei triste porque o Papai Noel só tinha trazido isso. Afinal, era uma casa de verdade. Isso devia ter-lhe custado os olhos da cara, coitado! Sentamo-nos novamente à mesa, agora com o Papai Noel verdadeiro. Quando nos preparávamos novamente para o brinde, entra o Javier atabalhoadamente latindo. Ele ficara no sonho, mas minha mãe:

— Acorde, Edih, já passa das onze horas, filha. E não se esqueça de fazer a cama.

Então, fiquei realmente muito triste. Lembrei-me de que meu pai sofrera um acidente de carro enquanto trazia meu tio e minha avó para a ceia na noite anterior. Todos estão bem, mas nosso Natal tinha murchado como

flor não regada. E o pior, ainda continuávamos com meia entrada na vida, ou seja, no aluguel, como resmungava minha mãe.

E, fiquei mais triste ainda, não pelos presentes perdidos, mas pelo Papai Noel realmente não existir e por ter perdido todas as minhas crenças infantis.

E, que pena, meus amiguinhos de pedra e durepoxi nunca tiveram vida. Só encantos, enquanto durarem as minhas lembranças.

Noite da véspera

Alberto Aracchi

O homem estava avançando no caminho, para a luz bruxuleante do casebre em ruínas. A grama rangia sob as solas pesadas de seus sapatos velhos. Uma rajada de vento perfurou o nevoeiro e trouxe o som dos sinos. Na igreja da vila começava a missa de Natal. O canal estava a poucos passos de distância, e na escuridão seria suficiente colocar um pé errado para deslizar na água. Ele apertou a garrafa na mão e correu em direção à casa. Nos degraus, quase completamente cobertos por grama, flutuava uma nuvem de luz. O homem ouviu umas vozes, se escondeu atrás da porta e olhou para dentro. Dois círios estavam acesos. No chão, outra vela. Empacotado em uma casaca enorme e consumpta, um homem velho estava agachado com as pernas cruzadas e tentava acendê-la: agarrava-a e aproximava o fósforo, mas quando as chamas vieram tocar o pavio o tremor violento de suas mãos já tinha desligado. A mulher agachada ao lado dele riu: era uma risada estridente, pesada, benevolente. Ela arrebatou os fósforos e acendeu a vela. O novo brilho flutuante desenhava sombras nas paredes. O homem por trás da porta hesitou. O quê faziam esses dois? Por que tinham chegado ali mesmo, no seu retiro? Empurrou a porta e as dobradiças enferrujadas rangeram. O velho e a mulher levantaram a cabeça bruscamente. "Como vocês conseguiram entrar?" Deixou-se escapar o dono "legítimo". "Estava aberto!" Murmurou o velho,

encolhendo os ombros e aconchegando-se mais profundamente em seu casaco disforme.

"Se você é o proprietário, pedimos humildemente perdão, - acrescentou a mulher - mas entramos sem forçar qualquer porta ou fechadura e nenhum alarme nos avisou que estaríamos em casa alheia. Pensávamos poder procurar abrigo aqui, pelo menos por uma noite".

O tom da resposta não escapou e o homem se sentiu compelido a mudar sua expressão de agressão inicial para a condescendência de um verdadeiro mestre da casa. Ele convidou os dois para ficar. "Não é o espaço que falta, mesmo que meu apartamento não é tão confortável". Não havia comida, nem lenha para se aquecer. Tudo o que restava dos tempos melhores era aquele banco e, em um canto, um colchão de palha disforme que mesmo os perceijos desdenhariam. O homem sentou-se num canto, ele se lembrou da garrafa na mão, sentiu o bolso enchido pelo pão, que era para servir como seu jantar. Como poderia não oferecer aos hóspedes e não dividir esses recursos escassos? Ostensivamente ergueu a garrafa, para oferecer, pelo menos, um gole aos dois novos inquilinos. Eles aceitaram. O velhote tirou um gole, um gole só, limpou a boca grunhindo, com as costas da mão, e passou a garrafa para a mulher. Ela estava para aproveitar, quando um barulho repentino balançou a porta frágil. A mulher parou, colocou a garrafa para baixo (com cuidado, para não deixar o vinho verter). Na penumbra, uma silhueta gordinha apareceu pela fresta da porta. Parecia um rato grande cheirando o ar cautelosamente, à procura de comida e calor.

Ela não perdeu a oportunidade. Estalou em silêncio, como um gato. O roedor, surpreso, mal teve tempo de se virar, mas ele foi agarrado pela cauda. Um momento depois, a mulher estava-lhe batendo a cabeça no parapeito da janela. Não era um rato, mas um caxingui. Algumas libras de carne saborosa, a não dizer deliciosa. O velho pareceu recuperar-se. Ele tirou do bolso uma faca pequena e, com incrível habilidade, começou a esfolar a presa. Seus gestos revelavam a longa prática de comer pequenos animais: ratos, toupeiras e coelhos eram sua dieta predominante desde tempos imemoriais. "Saia! - ordenou-lhe a mulher - Não vê que está sujando?"

O velho olhou em volta e viu uma espécie de bandeja, jogada em um canto. Ele pegou e saiu. Voltou com a bandeja coberta com um guisado de carne fresca. O caxingui tinha-se transformado em alimento, apenas ficava por cozinhar. Em outro quarto havia uma lareira, talvez fosse a cozinha do passado. Perto do fogo, o homem tinha pegado ramos, madeira e jornais velhos. Era hora de a lareira reviver. Bolas feitas com folhas de jornais velhos, cobertas por ervas daninhas e, em seguida, acendidas, enquanto o dono da casa estava ocupado para deslocar o enxergão antes da lareira. A mulher procurou uma panela ou um espeto, para cozinhar a carne sobre as brasas.

Ajustando-se com o que encontraram no casebre, os três foram capazes de compensar uma refeição quente, molhada com a garrafa de vinho. O proprietário veio para oferecer até mesmo o seu pão com queijo, depois de ter quebrado em três partes iguais, com um gesto quase

religioso, que por um momento recordou a divisão do pão místico, num lugar cheio de abandono. Só então, os sinos da igreja tocaram a meia noite. Era Natal, para fora. Natal parecia ter tocado mesmo aquela casa. Os três estranhos tinham vindo até reunir o pouco que tinham: a moradia e a comida. Agora estavam recolhidos, em seus trapos, todos os três no velho colchão. As brasas da lareira mantinham um calor confortável e o bom vinho estimulou o sono, a paz.

A neve começou a cair, no início tímida e então cada vez mais densa. A campanha brilhou branca, no meio da noite sem lua. As pegadas desapareceram, os ruídos enfraqueciam-se. Era como se o mundo quisesse cobrir o passado das coisas e dos homens, para acordar no dia seguinte em um novo amanhecer. Um amanhecer frio, que teria surpreendido três pessoas, até então desconhecidas, abraçadas juntas, com sua barriga por uma vez cheia.

Ato de amor

Wilson Duarte

Mais um ano que se finda
e com ele o Natal chegando
É hora de pensar nos presentes,
pois sempre há alguém esperando.

Pais, filhos, parentes, amigos,
há sempre pessoas a agradar.
E mesmo em difíceis momentos
pensamos em algo para presentear.

Esta é a tradicional maneira
de nossa alegria compartilhar.
Mesmo que seja simples lembrança,
o ato de dar é que vai importar.

O ser que recebe um presente
jamais esquece tal agrado.
Sente-se contente e feliz
por ter sido então lembrado.

Tais momentos são inesquecíveis.
Tocam fundo o coração
de quem recebe o presente
e de quem fez a doação.

O presente, em si é o menos importante,
talvez nem seja de grande valor.
Porém este simples ato demonstra
que entre as pessoas existe amor.

Amor profundo pelo ser humano,
amor verdadeiro e não banal.
É o que esta época demonstra,
é o que nos proporciona o Natal.

breve poema de natal

Sara Timóteo

A bailarina lança-se

Sobre os sonhos trajados de cristal

Que esvoaçam ao som dos auspícios boreais

Congratulam-se os sinos

Os meninos sorriem

Enquanto contemplam o céu escuro

Onde ela estende o seu manto de estrelas

Árvore de Natal

Jullie Veiga

Parada vejo a pequena robusta

Toda verde sem estrela

Laços vermelhos

Luzes brancas e amarelas

Sustentada por 3 ganchos

Tem o peso de mil anjos

Como pode a árvore forte

Para mim ser a luz de uma sorte?

Não lhe pus sinos

Debaixo somente “O MENINO”

Num berço torto

Porém com todo conforto

Nasceu entre os bichos

Lá em Belém

O Natal já passou?

Só ano que vem?

Quem pode entender
Tamanha emoção
Do que sinto bem fundo
Dentro do coração?

Natal de Jesus

Antônio de Pádua

Dia de Natal é feriado,
festa do cristão religioso,
anualmente comemorado,
para um Menino Glorioso.

Na Cristã Igreja, sua origem,
celebrando o nascimento de uma criança,
vindo da escolhida Virgem,
pra trazer ao mundo nova esperança.

Um grande chamado a reflexão,
e a um propósito nos conduz,
a verdadeira conversão,
no Natal de Jesus.

Tempo de espiritual limpeza,
no sentido à renovação,
em seu legado a certeza,
confirmada pela aliada comunhão.

Enfeite, música, presente e ceia,
tudo, deve ser insignificante,
diante da fé, então creia,
na grandeza do aniversariante.

Fortaleça com firmeza este elo,
acendendo intensamente esta luz,
viva então o que é belo,
no Natal de Jesus.

Natal Espirituoso

Roque Aloisio Weschenfelder

o Natal é festa
por causa de Cristo Jesus
o Natal enfeita as casas
com pinheirinhos enfeitados
o Natal movimentam as vendas
para ter presentes em profusão

o Natal é festa
para a pureza infantil
o Natal encanta o ambiente
pelo espírito de felicidade
pena que o Natal
não contempla com igualdade

o Natal é maltrapilho
na favela abandonada
o Natal é tristeza
na vida enclausurada
o Natal passa despercebido
pela droga contaminado

o Natal é tempo bom
mesmo com chuva torrencial
se a consciência está livre
de injustiças e corrupção
e o Natal vale a pena
se a arrogância for pequena

o Natal é presente
para o coração aberto
o Natal enche os ares
de sonoros badalos
para que se ornem os altares
com flores perfumadas

o Natal coloca em movimento
toda uma economia
e as almas são lavadas
na pia da justiça e do perdão
no Natal encontram todos
um deixado de lado irmão

o Natal e o Ano Novo
viram uma festa só
lava-se das paredes
e do coração o pó
para o nascimento
do divino menino

a festa é de Natal
a alegria enfeita as horas
dos encontros esperados
dos ditos antes calados
dos hinos a serem cantados
nos lares engalanados

que venha o Natal mais feliz
para todos os humanos seres
que todos cumpram os deveres
com a igreja e com a pátria
sendo homens de boa vontade
capazes de viverem a paz

O Natal que não previ

Gabriela Rodrigues Ferreira da Silva

O significado nunca foi tão correto,

Tão puro

E tão digno como este:

O Natal é um sorriso.

Demorei pra encontrar a magia

Na festividade milenar, comum

De que me diziam que fazia parte.

Era tudo monótono e previsível. Antes.

Natal era assistir programas repetidos,

ver pessoas entusiasmadas,

ter pratos servidos numa hora,

E vazios logo depois.

Era abrir presentes antes da hora,

já sabendo que o que viria.

Era ter que sentir abraços e beijos,

quando o relógio assim dissesse a hora.

Era acreditar que,
No tempo em que realmente acreditava,
Era verdadeiro. Agora, não mais.
Era encontrar sentido onde não tinha.

Todos os natais tinham sido iguais.
Menos um.

O meu último Natal não teve pratos especiais.
Nem pessoas. Nem presentes. Nem estrelas.
Não teve gritos de alegria, nem programas,
Nem surpresas. Nem luzes. Nem vermelho.
O meu Natal tinha passado a ser
O que eu pensei que ele fosse: igual.

Até que, quando passou,
Eu percebi: você tinha ido embora.
E foi o último Natal igual.
A partir deste,
Eram sempre pessoas conhecidas,
Sendo novas.

Eram sempre receitas repetidas,
Mas com um sabor diferente.

Eram programas repetidos,
Com uma música alternativa ao final.
Eram abraços e beijos,
Que o relógio ainda ditava a hora,
Mas que tinham sempre um aconchego,
inestimável.

O Natal era sorriso!
Era o sorriso que eu tinha em meu rosto.
Era o sorriso que você mostrava.
Era o sorriso de uma face do mundo toda,
Que acreditava na magia,
milénar e refletida,
Mas, única.
Queria ter mais um Natal igual.
Queria ter o Natal com seu sorriso.

Pisca-Pisca

Carlos Siqueira

Dezembro:

Vidas acendem:

Décimo terceiro:

Natal:

Comida melhor:

Ano Novo.

A vida pisca.

O pisca-pisca pisca.

Os fogos explodem.

Os olhos piscam.

Sentimentos nascem.

A felicidade pisca.

Acabam as festas.

Os fogos apagam.

Guardam os pisca-piscas.

Todos dormem.

O ano começa.

Sentimentos morrem.

A vida que piscou
foi guardada também.
Será usada de novo
no fim do ano que vem.

Presente de Natal

Aldirene Máximo

Este ano quero um presente de Natal diferente:
Quero mais sementes para plantar nos corações.
Também quero forças e sabedoria
Para arrancar as duras pedras e adubá-los.

Que ano que vem eu possa ver
As sementes brotarem, crescerem
E darem frutos bons, os quais
Espalharão suas sementes pela Terra.

(Quero um planeta mais perfumado e abençoado!)

Espero que o meu presente não demore a chegar
E que eu não tenha pedido muito.
Eu só quero o suficiente para exercer
A minha missão com alegria!

Sobre os autores

Aldirene Máximo: Nasceu em São Paulo. É graduada em Letras pela Uninove e pós-graduada em Psicopedagogia pela mesma instituição. Narradora de histórias pelo Senac, escreve poesias desde os 12 anos. É autora dos livros: *Eu acredito no Amor!* e *Metáforas*, ambos pela Editora Scortecci. Tem participação em diversas antologias e revistas literárias. Acredita que sua missão é espalhar poesias pelo mundo.

Contato: *writer.aldy@gmail.com*.

Alberto Arecchi: Nascido em 1947, é um arquiteto italiano que tem uma longa experiência em projetos de cooperação para o desenvolvimento em vários países africanos, como professor e especialista em tecnologias apropriadas para o planejamento de habitat. Lecionou Projeto de Arquitetura, História da Arte, Tecnologia e Construção. É presidente da Associação Cultural Liutprand, de Pavia, que edita estudos sobre a história local e as tradições, sem descurar as relações interculturais. Tem participado de concursos literários, escrevendo em diversos idiomas e ganhando prêmios, com novelas e poemas.

Contato: *alberto.arecchi@libero.it*

Aparecida Gianello dos Santos: nascida na cidade de Guaira – PR, é autora dos livros “Pensando bem... mil pensamentos para inspirar seu dia a dia”, “Cem poemas e um segredo” e “Retratos que o tempo não me tirou”. Tem participação em diversas antologias por meio de concursos literários, prêmios nacionais e internacionais (Portugal, Argentina, Chile, EUA e Cuba), além de inúmeras classificações, destacando-se nos gêneros conto, crônica e poesia.

Contato: *aparecidagianello@gmail.com*

Antônio de Pádua: Residente de Formiga – MG, Formado em Administração de Empresas, casado, três filhos, Católico, torcedor do Clube Atlético Mineiro, membro da Academia

Formiguense de Letras, com trabalhos publicados em jornais, revistas e antologias nacionais e internacionais.

Contato: paduadesousa@yahoo.com.br

Carlos Siqueira: nascido em Afogados da Ingazeira – PE, em 19/05/1994, recentemente formado no curso de Letras, pela Faculdade de Santo André, SP, é admirador e estudante de Literatura. Com uma linguagem acessível, tenta mostrar os seus anseios, visões e indignações cotidianas, ora de forma crua, ora de forma mais elaborada. Nas duas últimas edições da revista poética Cabeça Ativa, números 41 e 42, de temas *Flores* e *Livros*, teve dois poemas publicados, *Desapontado* e *Leitura*, respectivamente, um em cada edição.

Contato: siqueiracarlos19@gmail.com

Driely Meira: nasceu em Mairinque em 1998, e é residente de Alumínio. Blogueira literária, contista e estudante de Letras na Universidade de Sorocaba (Uniso), participou das antologias *Amores (Im)possíveis* e *De repente nós*, da editora Andross, *Poderes e Monstros entre nós*, da Darda Editora, *O Parque*, *Literatura de Outono*, *Eterno Inverno* e *Promessas da primavera*, da editora Jogo de Palavras.

Contato: driely.meira@botmail.com

Edileuza Bezerra de Lima Longo - Nome artístico: Edih Longo: É formada em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É atriz de Teatro, fazendo parte do Grupo *Arte in Cena* do Clube Paineiras do Morumbi. É dramaturga, romancista, poeta, contista e cronista. Já ganhou alguns prêmios nestas modalidades e foi agraciada recentemente por três primeiros lugares (poesia, conto, dramaturgia) e no terceiro lugar (romance juvenil) pela UBE (União Brasileira de Escritores) do Rio de Janeiro.

Contato: edillongo@yahoo.com.br

Evandro Valentim de Melo: Escritor. Brasiliense; casado, pai e avô; mestre em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação; especialista em gestão de RH; administrador.

Publicou *Guardiões do cerrado* (Assis, 2018); *Aventura no cerrado* (Assis, 2017); *Aventura na floresta: bichos e lendas daqui e dacolá* (Assis, 2016), *Cliques narrativos: um romance em crônicas* (Assis, 2014); e “*Causos*” de RH: o livro (Livre Expressão, 2011). Detentor de premiações nas categorias conto, crônica e microconto em diversos concursos literários. Textos em várias antologias.

Contato: ordnave.melo@gmail.com

Gabriela Rodrigues Ferreira da Silva: 19 anos, apaixonada por literatura e escrita, de Sorocaba (SP). Desde quando aprendeu o alfabeto, insistia em querer que as palavras realmente dissessem o que sentia, ainda que não soubesse muito bem como. E conseguiu. A paixão só foi aumentando, junto com o número de poemas e de obras lidas. A paixão é o que move cada letra que escreve.

Contato: gabriela-rodrigues13@outlook.com.

Geraldo Trombin: É publicitário, ex-colunista dos blogues ContemporArtes e BDE (Bar do Escritor) e colaborador do jornal *O Liberal*, de Americana/SP. Lançou em 1981 *Transparecer a Escuridão*, produção independente de poesias e crônicas, e em 2010 *Só Concurados - diVersos poemas, crônicas e contos premiados*. Tem classificações em inúmeros concursos literários realizados em várias partes do país e também em Portugal, além de trabalhos publicados em jornal e diversas antologias.

Contato: gtrombin@terra.com.br.

Gertrudes Fernandes: Empresária, nascida nos anos 60 em Monsaraz, uma vila Alentejana, tem dois livros de poesia editados, SENTIR DE MULHER e REFLEXOS DE UMA VIDA, tem também várias participações em antologias e coletâneas.

Contato: arteantiga2@gmail.com

Julie Veiga: poeta de São Luís (MA). Também escritora e organizadora de projetos literários. “Escrevo desde a infância,

por paixão e porque as letras me tomam e me usam no nascimento de cada escrito”. Com participação em mais de quarenta obras; livros e revistas, nacionais e internacionais.
Contato: jullieveiga@gmail.com.

Marcelo de Oliveira Souza: Mora em Salvador - BA – Brasil. Escritor e Organizador do Conc Lit Poesias sem Fronteiras; Dr. Honoris Causa em Literatura- ODDMH/FEBACLA; Membro: Da Academia de Letras do Brasil : seccionais Mato Grosso do Sul / Sul e Baixo Sul da BA; Da International Writers and Artists Association –EUA; Da Academia de Letras de Teófilo Otoni .
Contato: marcelosouzasom@hotmail.com

Paulo Luís Ferreira: É natural de Recife/PE. Nascido em 17/07/1953. Vive em São Paulo desde 1973, quando ingressou em diversas escolas e grupos de teatro. Fotógrafo de profissão. Hoje é Professor de História e Geografia. Como escritor, escreveu para teatro, e ganhou o *Prêmio Estímulo à Literatura*, pela Secretaria de Cultura de São Bernardo do Campo, com o conto *Minha Família Querida*. Outros contos foram publicados pela Revista Literária *Tantas Letras* e *Ponto e Contra-ponto*. Menção Honrosa, (Concurso Miau de Literatura) com o livro de contos *Os Malefícios do Humor* pela Editora Costelas Felinas. Outros dois contos estão sendo editados pela Big Time Editora. Tem contos publicados pelas revistas virtuais: *Literalmente Intrigante* e *Literalive*. Tem um Romance, *Um Suco de Laranja Sem Açúcar com Hortelã*, e *Século XXI* (contos), autoeditados, no Clube de Autores.
Contato: pluis.177@globomail.com

Regina Ruth Rincon Caires: 64 anos, funcionária pública aposentada, formada em Letras e Direito e sem livros publicados. Gosta de escrever prosa e participar de concursos literários. É casada, tem dois filhos e seis netos.
Contato: reginaruthrinconcaires@gmail.com.

Ronaldo Dória dos Santos Júnior: é carioca, tem 33 anos na presente data. Faz rabiscos que às vezes viram desenhos, soa acordes desafinados no seu violão e, sempre que tem inspiração, deixa que seus dedos longos corram em textos tristes que vai inventando.

Contato: *rdsjr_@hotmail.com*

Roque Aloisio Weschenfelder: Natural de Santo Cristo – RS, reside em Santa Rosa – RS. Tem 69 anos de idade, é graduado em Letras e professor aposentado. Autor de mais de uma dezena de livros literários e didáticos; integra cerca de 150 antologias textuais no Brasil e em Portugal; é multipremiado em quase 200 concursos literários, tendo obtido prêmios de destaque como a Viagem Nestlé Pela Literatura em 2002. Ainda atua como revisor textual, consultor de publicação para novos autores, palestrante e orientador de acadêmicos quanto a textos que necessitam publicar.

Contato: *roquealoisio@yahoo.com.br*

Sara Timóteo: Publicou *Deixai-me cantar a floresta e Chama fria ou lucidez* em 2011 pela Papiro Editora, seus primeiros títulos. Tem três livros publicados nos Estados Unidos pela Spero Publishing/Caliburn Press. Participa em várias obras coletivas. Aguarda a publicação de uma novela no decurso do ano de 2018.

Contato: *windsidb@gmail.com*

Silvia Ferrante: escritora brasileira.

Contato: *silviaferrante@hotmail.com*

Wilson Duarte: Graduado em Comunicação social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing/SP. Participa regularmente de antologias publicadas pela AEPTI – Associação dos escritores, poetas e trovadores de Itatiba/SP e pela Litteris Editora/RJ, além de participação na antologia Literatura de Outono, Ed. Jogo de Palavras/SP. Teve também trabalho de Mestrado publicado no livro *Comunicação e Sociedade, Volume 1*, da Cortez Editora e anteriormente foi

correspondente no Brasil da revista *KO Mundial*, editada na Argentina.

Contato: widuj@bol.com.br.

Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em dezembro de 2018.